

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão
Fundada em 21-1-1883 por
Augusto Elias da Silva
Ano 120 / Julho, 2002 / N° 2.080-A
ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Apóstolo do Amor Incondicional

Chico Xavier – Juvanir Borges de Souza

A Desencarnação de Chico Xavier

O Retorno do Apóstolo Chico Xavier – Joanna de Ângelis

Retorno de Chico a Penates – Weimar Muniz de Oliveira

Chico Xavier – O Homem de Bem

Gratidão a Chico Xavier – Divaldo Pereira Franco

Fim da Era Chico Xavier – Adolpho Marreiro Júnior

Sem sombras – Lucindo Filho

Manifestações de Respeito e Gratidão

Francisco Cândido Xavier (1910-2002) – Affonso Soares e Zêus Wantuil

Em Espírito – Emmanuel

Tema da Capa: Edição Especial dedicada a Francisco Cândido Xavier – sua vida, sua obra e sua desencarnação. A foto da capa é do pôster editado pela Municipalidade de Uberaba.

Editorial

Apóstolo do Amor Incondicional

JESUS NOS LEGOU O ENSINAMENTO MAIOR AO NOS ESCLARECER QUE TODAS AS LEIS QUE EMANAM DA PROVIDÊNCIA DIVINA SE SINTETIZAM NO “AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO”. E NOS DEIXOU COMO DIRETRIZ DE COMPORTAMENTO O SEU EXEMPLO DE AMOR: “NOVO MANDAMENTO VOS DOU. QUE VOS AMEIS UNS AOS OUTROS, ASSIM COMO EU VOS AMEI!” (JOÃO, 13:34) ..

Os Espíritos Superiores incumbidos de trazer aos homens o Consolador prometido consubstanciado na Doutrina Espírita, revivendo o Cristianismo primitivo, tal como Jesus nos legou, ensinam: “Fora da caridade não há salvação”.

Francisco Cândido Xavier é o Espírito nobre que, vivenciando esses ensinamentos, abriu um caminho de luz para os homens, mostrando que a Doutrina Espírita, quando retamente praticada, representa a construção da paz em nós mesmos, libertando-nos rumo a melhores níveis de vida, nos quais a Lei de Amor é constante paradigma de vivência.

Servindo-se de severa autodisciplina, de uma humildade consciente, de dedicação plena ao Bem, de abnegação constante e de muita perseverança, “negando-se a si mesmo” como recomenda Jesus, retorna vitorioso para a Pátria Espiritual, deixando para nós os seus exemplos, para que sirvam de balizas ao nosso esforço de aprimoramento espiritual, objetivo maior da nossa encarnação na Terra.

Nesta Edição Especial de Reformador, elaborada com manifesto propósito de gratidão e de reconhecimento pelo muito que nos ofereceu, especialmente ao Movimento Espírita, vários companheiros se manifestam, exteriorizando os seus próprios pensamentos e sentimentos com relação a Francisco Cândido Xavier, que, na sua grandiosidade, enseja as mais variadas formas de interpretação de seu trabalho. É um simples gesto, uma pequena amostra do grande amor que a comunidade espírita sempre cultivou – e continuará cultivando –, para com esse Seareiro do Bem, que foi, indubitavelmente, junto a todos nós, o apóstolo do amor incondicional, que ensinou e exemplificou.

Que ele possa receber, onde se encontrar, as manifestações sinceras da nossa gratidão, com os votos de que as bênçãos de Jesus, que ele tanto espalhou, retornem, renovadas, ao seu coração, fortalecendo-o na gloriosa tarefa que tão bem executou e que, por certo, no mundo espiritual, continuará a executar, que é a de difundir o amor e a paz junto a toda a Humanidade. •

Chico Xavier

Juvanir Borges de Souza

Na hora em que Francisco Cândido Xavier, o homem, o médium, o espírita, o missionário que exemplificou o amor e a humildade, no decorrer do século XX, deixa a vida física para voltar à Pátria Espiritual assaltam-nos sentimentos de tristeza e de alegria, aparentemente inconciliáveis.

Mas a alegria sobrepuja a tristeza.

A privação da convivência com o homem Chico Xavier, a que se acostumaram milhares de seus amigos e admiradores, por muitas décadas, traz o constrangimento natural da despedida, de uma tristeza a que não nos furtamos totalmente.

Mas há um outro lado, de beleza e de alegria interior, que compensa qualquer sentimento de frustração e de ausência – o do término de uma difícil missão, conduzida com pleno êxito pelo amigo de todos nós.

Nisso é que precisamos nos fixar, quando o missionário retorna à Vida Espiritual, da qual nunca se desligara totalmente.

O ministério, os deveres e obrigações que se impôs esse mensageiro da paz e da concórdia, exemplificador da fraternidade entre os homens de todas as condições, que os velhos espíritas têm acompanhado *pari passu* e de que os mais jovens têm conhecimento pela divulgação contínua, chegam a seu termo, nessa etapa.

Em que circunstâncias termina essa fase que testemunhamos?

Sem a menor dúvida, de forma feliz, se considerarmos os verdadeiros valores conquistados pelo missionário, se medido o Bem que espalhou, os trabalhos que começou e terminou, os sacrifícios que superou, a fidelidade que manteve perante o Cristo.

Por isso, Chico Xavier volta à Pátria Espiritual como um vencedor, após missão difícil e espinhosa em um Mundo áspero.

Ao mesmo tempo que desenvolvia o labor ininterrupto de medianeiro resoluto, aplicado no desejo de não desviar-se, quaisquer fossem os obstáculos, o homem Francisco Cândido Xavier preparava-se sempre mais para as tarefas mediúnicas, ilustrando-se e enriquecendo-se intelectual e moralmente para melhor desempenhá-las.

Vida admirável que não precisamos enaltecer, eis que todos a conhecem e que mesmo os não espíritas respeitam e enaltecem!

Nosso papel, nesse momento, é repetir o que está no consenso de todos.

A Federação Espírita Brasileira, que mesmo antes de iniciar-se a década de 30 tomou conhecimento do médium que principiava sua missão em Pedro Leopoldo, ofereceu-lhe o apoio que ele aceitou feliz, por verificar que só a Doutrina Espírita poderia guiá-lo em uma jornada que se prenunciava difícil, mas muito importante em seus dobramentos.

Foram anos, décadas, que se desenrolaram plenos de trabalhos e de sacrifícios.

Não foram pequenas as dificuldades a serem transpostas: as necessidades materiais do homem e da família; os problemas próprios e de terceiros; a incompreensão na infância, trazendo-lhe sofrimentos físicos e morais; as perseguições do mundo físico e do mundo espiritual; a necessidade de atender ao Mentor Espiritual e aos Espíritos a serviço do Cristo em suas missões de esclarecimento e de consolação; as incompreensões humanas; as calúnias e difamações; as ingratidões e todo o cortejo de inferioridades dos que se colocam como óbices à realização do Bem.

Mas o missionário venceu a todas, amando e servindo sem se desviar, sem se apegar às pessoas, às coisas, aos bens materiais, *à gloria mundi*, às paisagens.

No seu excesso de modéstia, por vezes referiu-se a si mesmo como um “cisco”, ou um “pé de capim” de que se servia a Espiritualidade para as realizações do Bem.

Benditos “ciscos” de que tanto carece nosso Mundo dominado pelo egoísmo dos homens.

Embora simples “capim”, Chico muito se assemelhava àquele outro Francisco, que também se despiu de tudo que os homens julgam importante, para servir à Humanidade na simplicidade e grandeza de outra missão, que visou chamar a atenção dos poderosos, em seus desvios.

Mesmo diminuindo-se, Chico, Você não poderá evitar a gratidão das milhões de criaturas que se beneficiaram e se beneficiarão de sua mediunidade com Jesus.

Toda vez que homens e mulheres, crianças e jovens recorrerem às obras produzidas por sua mediunidade extraordinária e se beneficiarem com o esclarecimento portador da consolação, Você será bendito por eles.

Sempre que os poetas e intelectuais compulsarem o *Parnaso de Além-Túmulo*, ou os livros que instruem e abrem clareiras no futuro, não somente os autores espíritais serão louvados mas também seu médium será lembrado com admiração.

Também as crianças e os jovens se lembrarão de Você, quando se inteirarem de que os primeiros passos no aprendizado da Lei de Deus foram facilitados pelo seu serviço dedicado.

A Federação Espírita Brasileira é guardiã de 88 obras que lhe foram cedidas por Você. Dessas, algumas dezenas são verdadeiras jóias, desdobramentos da Doutrina Espírita que têm beneficiado milhões de seus seguidores.

Esse é um patrimônio da Humanidade, que temos o dever de preservar para transmiti-lo às gerações futuras.

Haveremos de cumprir esse dever.

Mas, a par desse patrimônio, Você legou a outras Instituições outras importantes obras, que somam centenas de livros.

Sua obra assistencial, seu amor à Verdade, sua bondade para com os seus irmãos, especialmente os mais necessitados, são exemplos que ficarão clamando por seguidores.

Caro amigo Chico,

Pensando em todos aqueles que não tiveram a oportunidade de agradecer-lhe, de alguma forma, as sucessivas demonstrações de compreensão e de fraternidade, que ressumam de sua atuação como o missionário especial do século XX, todos nós, os espíritas reconhecidos de hoje e de amanhã, os não espíritas que lhe votam simpatia e respeito, enfim, todos os beneficiários de seu esforço, de seu trabalho, de sua inteligência e sensibilidade e de sua mediunidade gloriosa, agradecemos-lhe por tudo, rogando a Deus, o Pai Celestial, e a Jesus, o Cristo, o abençoem e lhe dêem novas oportunidades de trabalho e de engrandecimento espiritual. •

A Desencarnação de Chico Xavier

A 30 de junho último, por volta das 19h30, desencarnava em Uberaba o médium mineiro Francisco Cândido Xavier, em meio às vibrações de alegria do povo brasileiro pela conquista de mais um troféu mundial de futebol, como se o Plano Espiritual Superior quisesse, propositadamente, diluir as repercussões que a partida do médium, por certo, viria causar em todos os segmentos da nossa sociedade.

À medida que a notícia da desencarnação se espalhava pela cidade, centenas de pessoas se dirigiam para a casa do médium, de onde saiu o corpo, por volta das 23h, para ser velado no *Grupo Espírita da Prece*, ali permanecendo por cerca de 48 horas para receber as homenagens derradeiras do povo que ele tanto amou.

Durante todo o tempo em que ficou exposto em câmara ardente, filas quilométricas se faziam nas vizinhanças do *Grupo Espírita da Prece*, compostas por pessoas de todas as idades, sem distinção de raça e de condição social, professando os mais diferentes credos religiosos, numa espantosa demonstração de solidariedade e indisfarçado reconhecimento pelo grande obreiro que partia para o Além. O Governador Itamar Franco decretou luto oficial de três dias no Estado de Minas Gerais e fez-se representar no velório pelo Secretário de Indústria e Comércio, Marcelo Prado.

Uma hora antes de o corpo do médium deixar o *Grupo Espírita da Prece*, o Presidente da Federação Espírita Brasileira, Nestor João Masotti, a convite, proferiu uma prece, depois de falar brevemente acerca da vida e da obra de Francisco Cândido Xavier, seguida posteriormente por outras manifestações de apreço do Prefeito Municipal de Uberaba, Marcos Montes, e de autoridades presentes, além dos líderes da comunidade espírita, local e de outras cidades e Estados, amigos e companheiros do médium.

Às 17h do dia 2 de julho, conduzido numa viatura do Corpo de Bombeiros, os restos mortais do médium deixaram o *Grupo Espírita da Prece*, acompanhados por uma multidão incalculável, que seguia a pé e em silêncio, em direção ao Cemitério de São João Batista, em Uberaba, sem falar no sem-número de criaturas que, espremidas, se dispunham de ambos os lados das ruas por onde passava o cortejo. Em várias ocasiões, pétalas de rosas em grande profusão derramavam-se sobre o cortejo, lançadas por um helicóptero da Polícia Militar de Minas Gerais.

Cálculos das autoridades militares dão conta de que mais de cem mil pessoas compareceram ao sepultamento. No cemitério foram prestadas as honras militares de estilo, inclusive uma salva de 21 tiros de fuzil, a cargo do 4o Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, cuja banda tocou as músicas Amigos para sempre e Nossa Senhora. Por volta das 19 horas, o corpo do médium baixou à tumba, após o que a multidão se dispersou, lentamente e silenciosamente.

•

O Retorno do Apóstolo Chico Xavier

Quando mergulhou no corpo físico, para o ministério que deveria desenvolver, tudo eram expectativas e promessas.

Aquinhoodo com incomum patrimônio de bênçãos, especialmente na área da mediunidade, Mensageiros da Luz prometeram inspirá-lo e ampará-lo durante todo o tempo em que se encontrasse na trajetória física, advertindo-o dos perigos da travessia no mar encapelado das paixões bem como das lutas que deveria travar para alcançar o porto de segurança.

Orfandade, perseguições rudes na infância, solidão e amargura estabeleceram o cerco que lhe poderia ter dificultado o avanço, porém, as providências superiores auxiliaram-no a vencer esses desafios mais rudes e a crescer interiormente no rumo do objetivo de iluminação.

Adversários do ontem que se haviam reencarnado também, crivaram-no de aflições e de crueldade durante toda a existência orgânica, mas ele conseguiu amá-los, jamais devolvendo as mesmas farpas, os espículos e o mal que lhe dirigiam.

Experimentou abandono e descrédito, necessidades de toda ordem, tentações incontáveis que lhe rondaram os passos ameaçando-lhe a integridade moral, mas não cedeu ao dinheiro, ao sexo, às projeções enganosas da sociedade, nem aos sentimentos vis.

Sempre se manteve em clima de harmonia, sintonizado com as Fontes Geradoras da Vida, de onde hauria coragem e forças para não desfalecer.

Trabalhando infatigavelmente, alargou o campo da solidariedade, e acendendo o archote da fé racional que distendia através dos incomuns testemunhos mediúnicos, iluminou vidas que se tornaram faróis e amparo para outras tantas existências.

Nunca se exaltou e jamais se entregou ao desânimo, nem mesmo quando sob o metralhar de perversas acusações, permanecendo fiel ao dever, sem apresentar defesas pessoais ou justificativas para os seus atos.

Lentamente, pelo exemplo, pela probidade e pelo esforço de herói cristão, sensibilizou o povo e os seu líderes, que passaram a amá-lo, tornou-se parâmetro do comportamento, transformando-se em pessoa de referência para as informações seguras sobre o Mundo Espiritual e os fenômenos da mediunidade.

Sua palavra doce e ungida de bondade sempre soava ensinando, direcionando e encaminhando as pessoas que o buscavam para a senda do Bem.

Em contínuo contato com o seu Anjo tutelar, nunca o decepcionou, extraviando-se na estrada do dever, mantendo disciplina e fidelidade ao compromisso assumido.

Abandonado por uns e por outros, afetos e amigos, conhecidos ou não, jamais deixou de realizar o seu compromisso para com a Vida, nunca desertando das suas tarefas.

As enfermidades minaram-lhe as energias, mas ele as renovava através da oração e do exercício intêrmino da caridade.

A claridade dos olhos diminuiu até quase apagar-se, no entanto a visão interior tornou-se mais poderosa para penetrar nos arcanos da Espiritualidade.

Nunca se escusou a ajudar, mas nunca deu trabalho a ninguém.

Seus silêncios homéricos falaram mais alto do que as discussões perturbadoras e os debates insensatos que aconteciam a sua volta e longe dele, sobre a Doutrina que esposava e os seus sublimes ensinamentos.

Tornou-se a maior antena parapsíquica do seu tempo, conseguindo viajar fora do corpo, quando parcialmente desdobrado pelo sono natural, assim como penetrar em mentes e corações para melhor ajudá-los, tanto quanto tornando-se maleável aos Espíritos que o utilizaram por quase setenta e cinco anos de devotamento e de re-núncia na mediunidade luminosa.

Por isso mesmo, o seu foi mediumato incomparável.

...E ao desencarnar, suave e docemente, permitindo que o corpo se aquietasse, ascendeu nos rumos do Infinito, sendo recebido por Jesus, que o acolheu com a Sua bondade, asseverando-lhe:

– Descansa, por um pouco, meu filho, a fim de esqueceres as tristezas da Terra e desfrutares das inefáveis alegrias do reino dos Céus.

JOANNA DE ÂNGELIS

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, no dia 2 de julho de 2002, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Retorno de Chico a Penates

WEIMAR MUNIZ DE OLIVEIRA

Presenciamos, em Uberaba, no transcurso das 48 horas dedicadas ao velório de Francisco Cândido Xavier, as mais tocantes manifestações de carinho e gratidão ao médium de Emmanuel, que, dedicando-se inteiramente à Humanidade, completaria, no dia 7 deste, setenta e cinco anos de mandato mediúnico, conseguindo ser o intérprete de mais de 400 obras espíritas, nos três aspectos fundamentais do conhecimento: Ciência, Filosofia e Religião.

Abrindo as páginas dos dois diários de Uberaba (*Lavoura e Comércio e Diário da Manhã*), vêm-se as reconhecidas e amorosas manifestações, em expressões várias, cada uma delas procurando traduzir o sentimento de gratidão e de pesar do povo, ao mesmo tempo, além da impressão de lacuna impreenchível deixada pelo grande apóstolo do século findo.

Em *Lavoura e Comércio*, no dia 2 de julho, à página B-03, transcreveu-se a seguinte frase de Chico, que nos leva a grave e inevitável reflexão:

“Não sou um homem de ciência... Respeito profundamente os homens de ciência, mas sou um homem de fé. Nada sei do átomo e do Cosmo... Sei que precisamos de Deus no coração, pois caso contrário, vamos incendiar a Terra...”

Meditando sobre essas palavras, ao ensejo de sua passagem pela Terra, nesses 92 anos de sua última experiência planetária, nos vêm à memória as palavras de seu mentor e amigo inseparável, desde há séculos, Emmanuel, quando, interpelado, no livro *O Consolador*, referindo-se ao triângulo de forças espirituais (em que as duas bases representam a Ciência e a Filosofia e o vértice a Religião), assim responde:

–“Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais.

A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino, que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.” (Página inicial, intitulada *Definição*.)

Como médium, com todas as modalidades mediúnicas praticamente desenvolvidas, deixou-nos o Chico, nos últimos instantes de sua estada terrestre, mais duas provas de sua inquestionável acuidade espiritual, constituindo-se, de fato, no protótipo do ser interexistente, na linguagem de J. Herculano Pires. A primeira quando pediu ao seu enfermeiro, Belmiro Chagas Neto (“Netinho”), que queria que ele chamasse o seu barbeiro, para fazer-lhe a barba, tendo recebido de “Netinho” a resposta de que o barbeiro estava impossibilitado de fazê-la naquele dia, mas só no dia seguinte, tendo Chico retrucado que aí não adiantaria mais; já seria tarde. Segunda, que teria dito que gostaria de retornar à Espiritualidade no dia em que os brasileiros estivessem muito felizes. De fato, tal se deu, com a vitória na Copa do Mundo, em que o Brasil conquistou a quinta copa mundial, o Pentacampeonato.

Ah! Se tivéssemos merecimento bastante para ter acesso à festa que ainda agora se faz e se prolonga, na Espiritualidade, em louvor ao retorno de Chico à esfera de luz que bem fez por merecer!...

Se há pesar, na Terra, pela perda do grande líder, há intensa alegria no Lar Celeste pela sua volta!

Unamos-nos aos nossos queridos irmãos do Além, na merecida alegria festiva de que participam!

Não se tem dúvida de que Chico representou, com galhardia, a vivência do Evangelho de Jesus-Cristo, de perdão e amor, na Terra, eis que, ainda de acordo com Emmanuel, na obra citada, em resposta à questão 260:

–“Religião é o sentimento Divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos (...).”

Hosanas, pois, a Francisco Cândido Xavier!

Ave, Chico Xavier!

•

Chico Xavier – O Homem de Bem

MÁRIO FRIGÉRI

Tudo o que disse e se escreveu sobre Francisco Cândido Xavier pode ser sintetizado nos Caracteres do Homem de Bem, que Allan Kardec ressaltava na questão 918 de O Livro dos Espíritos e no capítulo XVII de O Evangelho segundo o Espiritismo, como segue:

O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara Lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção *de raças, nem de crenças*, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à idéia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado Lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: "Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado."

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, no 9.)

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.

Fonte: KARDEC, Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, 117 ed., Rio de Janeiro, FEB, 2001, cap. XVII, item 3, p. 272-274.

•

Gratidão a Chico Xavier

DIVALDO PEREIRA FRANCO

Quando nos encontramos por primeira vez no corpo físico, nos idos de março de 1948, Você me chamou de filho com uma ternura incomum, naturalmente como sempre o fez em relação a muitos que se lhe acercaram, buscando socorro e comiseção, que Você transformava em amor.

Toda vez quando o busquei, desde aquele dia já recuado, sua bondade, feita de carinho e de confiança, distendeu-me auxílio generoso e cordial, auxiliando-me pela senda de espinhos.

No seu exemplo hauri as mais belas lições que enriquecem minha atual existência.

Acompanhando a sua trajetória de luz nestes passados cinqüenta e quatro anos de relacionamento fraternal, somente possuo motivos para bendizê-lo e homenageá-lo.

Sempre o vi como mestre e sábio, embora Você se recusasse a qualquer uma dessas posições.

Fazendo-se humilde e discreto, tornou-se grandioso e invencível.

Sem a presunção de ser guia e orientador das almas, transformou-se incontavelmente no mais exemplar líder do Movimento Espírita que existiu após o mestre de Lyon, conseguindo dirimir equívocos e esclarecer dúvidas com eloqüente sabedoria e incomum gentileza que, ao invés de separar os litigantes, tornava-os irmãos.

A sua abnegação no exercício da mediunidade, que jamais mercadejou sob qualquer pretexto que fosse, tornou-se o padrão seguro para o comportamento moral de todos quantos se afeiçoam ao intercâmbio espiritual.

O seu gigantismo de missionário incomum deslumbra-me e comove-me.

Em razão disso tudo, por mais busque palavras para expressar-lhe os meus sentimentos de amor, gratidão e ternura, percebo que não as tenho exatas, e que somente um grande silêncio, feito de respeito e consideração profunda, é que poderá expressar o que não consigo traduzir.

Dessa forma, querido Chico Xavier, onde quer que Você agora se encontre, nos páramos siderais, numa dessas regiões felizes da Espiritualidade, suplico-lhe que interceda junto a Jesus por nós, os seus irmãos menores e menos ditosos da retaguarda, que prosseguimos na luta áspera do mundo em sombras deste momento.

Jamais o esqueceremos, e o seu exemplo ficará como um divisor de águas em nosso Movimento, que tanto lhe deve, assinalando o antes e o depois de Você, da sua vida extraordinária, dos seus sacrifícios incomuns, dos seus incomparáveis sentimentos de nobreza.

Deus o abençoe!

Salvador, 2 de julho de 2002.

•

Fim da Era Chico Xavier

ADOLPHO MARREIRO JÚNIOR

*Disse o Apóstolo Paulo:
“Portanto dai a cada um o que
deveis: a quem tributo, tributo: a
quem imposto, imposto;
a quem temor, temor;
a quem honra, honra.”*

Epístola aos Romanos. (13:7.)

Francisco Cândido Xavier, o mais consagrado médium deste século, ausenta-se do mundo aos 92 anos de idade, dos quais, 75 foram de ininterruptos labores mediúnicos. O número de livros por ele psicografados atinge 412 títulos, cujas reedições constantes ultrapassam a casa dos trinta milhões de unidades.

A notícia de sua partida é destaque em jornais, revistas e demais veículos de comunicação do Brasil e até do Exterior, pois sua fama é hoje internacional.

Acreditamos que, nesta hora, milhões de pessoas sentem as emoções da saudade, tristeza, vazio e até um certo receio de que jamais desponte, neste país, alguém que possa preencher a lacuna por ele deixada.

A mão que, ao comando dos Mensageiros invisíveis, segurava o lápis, escrevendo, celeremente, páginas incontáveis de esclarecimentos, consolação e esperanças, imobilizou-se. Doravante cessam as romarias que, por várias décadas, se faziam, primeiramente a Pedro Leopoldo e depois a Uberaba, onde o Chico cumpriu a maior parte de sua missão.

Com sua partida encerra-se um dos mais belos, importantes e revolucionários capítulos do livro da história do Espiritismo brasileiro. É o fim da inesquecível **Era Chico Xavier**, principal responsável pela alta conceituação e popularidade de que goza a Doutrina Espírita, atualmente, neste país. Se o Brasil é hoje a nação mais espírita do mundo e o maior celeiro do livro espírita, é, na maior parte, graças ao volume imenso de livros que os Espíritos ditaram, da Pátria Espiritual para a Terra, através do extraordinário médium.

Sua vida e sua obra já foram amplamente descritas em prosa e versos, portanto seria redundância apresentarmos, aqui, mais uma biografia desse moderno apóstolo do Cristo. Nosso desejo é apenas ressaltar a “dimensão cósmica” da obra que uma plêiade de Espíritos (semelhante àquela que assistiu Allan Kardec, nos dias gloriosos da Codificação) elaborou e verteu para a Terra. Dimensão cósmica, repetimos, porque assim como ocorre com a obra da Codificação, também as mensagens contidas no majestoso “monumento literário”, que aí fica, não são endereçadas apenas ao cidadão de qualquer nação, mas ao Espírito Imortal, ao irmão eterno, cujos anseios de sabedoria e ventura são inatos e pairam acima dos valores transitórios dos interesses materiais que separam pessoas e nações.

Allan Kardec e Francisco Cândido Xavier, segundo entendemos, embora com tarefas diferentes, cumpriram etapas das mais difíceis e importantes do Consolador prometido por Jesus, cujo maior foco de expansão é o Brasil, a nova Pátria do Evangelho colocada no coração geográfico do mundo.

Sem comprometerem o sólido e inabalável alicerce da Codificação, os Espíritos ergueram sobre ele o monumento literário, cujas mensagens revivem, em pureza e

plenitude, os ensinamentos de Jesus, acrescentando-lhes novas e palpitantes revelações que há dois mil anos seriam extemporâneas. Porventura, não foi isso mesmo que o Divino Mestre prometeu pouco antes do seu regresso à Pátria Espiritual?

Digno da missão recebida, Francisco Cândido Xavier tornou-se protótipo do cidadão de uma nova era, sendo ele mesmo o maior exemplificador dos sublimes ensinamentos que recebeu do Mundo Espiritual. Pode-se dizer que sua vida foi desapropriada em favor do bem coletivo. A obra que aí fica, só as gerações futuras poderão melhor compreendê-la e valorizá-la em sua plenitude.

Não ganhou o Prêmio Nobel da Paz, que amigos carinhosos e bem intencionados lhe pleitearam, mas... que importa? Talvez seja a Vontade de Deus que a virtude da Humildade, tão exaltada por Jesus na lição da Manjedoura, e por ele, Chico Xavier, em toda a sua vida, não fosse, ao final da tarefa, tisonada pelas glórias deste mundo.

E, se bem-aventurados são os mansos de coração e os pacificadores; se bem-aventurados são os misericordiosos e os perseguidos e caluniados por amor do Mestre, Chico Xavier é, sem dúvida, um autêntico discípulo digno dessas e demais bem-aventuranças prometidas por Jesus em Seu famoso Sermão do Monte.

Francisco Cândido Xavier, modelo de cidadão de uma humanidade futura, arauto da Paz e do Amor, que o teu despertar na Pátria Espiritual seja em cenário paradisíaco, ouvindo melodias celestes inspiradas nas bem-aventuranças do Sermão da Montanha e na felicidade dos trabalhadores triunfantes. Desejamos que, longe dos despojos do fiel veículo físico, que durante décadas te serviu, possas, agora, usufruir da perene juventude e leveza de teu corpo espiritual – o perispírito.

Imaginamos a multidão dos teus felizes recepcionistas, tendo à frente o teu querido mentor espiritual, Emmanuel, assim como os poetas que inauguraram a tua obra com o precioso livro *Parnaso de Além-Túmulo*, e André Luiz, Espírito igualmente querido de todos nós, que se popularizou como autor da preciosa série de livros, cujas mensagens devassaram, aos leitores da Terra, não só cidades paradisíacas do Mundo Espiritual, com seus elevados padrões morais e intelectuais de vida, como também as regiões purgatoriais de extremos padecimentos e reeducação das almas falidas em suas experiências terrestres.

Além, vemos que se aproximam centenas de Espíritos que, com seus escritos, enriqueceram a grande obra literária. Vêm recepcionar-te, também, muitos dos teus amigos de outras eras e uma multidão formada pelos beneficiados pela tua obra.

Todos, reconhecidos e jubilosos, vêm abraçar-te com votos de boas-vindas e felicidade pelo dever cumprido.

Coroando nosso devaneio, contemplamos, extasiado, descenderem das alturas luminosos Aautos do Cristo, trazendo-te, em Seu nome, as bênçãos e felicitações pelo êxito da obra concluída.

•

Sem sombras

Junto ao sepulcro onde a saudade chora
E onde o sonho das lágrimas termina,
Abre-se a porta da mansão divina
Entalhada em reflexos de aurora.

Não mais a noite; vive em tudo, agora,
A beleza profunda e peregrina,
Envolvida na luz esmeraldina
Da esperança que vibra e resplendor.

Sem as sombras das lutas desumanas,
A alma vitoriosa entoia hōsanas,
Ébria de paz e de imortalidade.

Não lamenteis quem parta ao fim do dia,
Que a sepultura em cinza escura e fria
É a nova porta para a eternidade.

Lucindo Filho

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Parnaso de Além-Túmulo. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 375. Edição Comemorativa dos 70 anos.

Manifestações de Respeito e Gratidão

A desencarnação de Francisco Cândido Xavier provocou pronunciamentos de respeito e gratidão, à sua vida missionária, de Autoridades Públicas e Religiosas, de Artistas e de outras pessoas e instituições. Reproduzimos, a seguir, algumas dessas manifestações:

AUTORIDADES

1. Fernando Henrique Cardoso – Presidente da República

“Grande líder espiritual e figura querida e admirada pelo Brasil inteiro, Chico Xavier deixou sua marca nos corações de todos os brasileiros que, ao longo de décadas, aprenderam a respeitar seu permanente compromisso com o bem-estar do próximo.” (*O Globo*, 2-7-02.)

2. Ramez Tebet – Presidente do Senado

“Era um homem extraordinário que pregava bondade, paciência e humildade. Nós, do Congresso Nacional, nos solidarizamos com a dor da família e da população de Uberaba.” (*O Globo*, 2-7-02.)

3. Aécio Neves – Presidente da Câmara dos Deputados

“Ele é uma referência única de trabalho e solidariedade. Será sempre um exemplo muito importante de vida e humanidade. Era uma figura confortadora para todos.” (*Jornal do Brasil*, 2-7-02.)

4. Itamar Franco – Governador de Minas Gerais

“Chico Xavier expressava em sua face uma imensa bondade, reflexo de sua alma iluminada, particularmente em sua dedicação aos pobres.” (*Jornal do Brasil*, 2-7-02.)

5. Antônio Júlio – Presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais

“É nosso triste dever lamentar a morte do médium Chico Xavier, ocorrida na noite de domingo, em Uberaba. Seu exemplo de humildade e desprendimento inspirou a Assembléia Legislativa de Minas Gerais a criar a Comenda da Paz Chico Xavier, destinada a homenagear pessoas físicas e jurídicas que tenham se destacado na promoção da paz. Que a chama do seu espírito humanitário perdure em cada pessoa de Bem, em cada semeador da Paz e em cada defensor da Justiça.”

6. Prefeitura Municipal de Uberaba

“Chico, você que sempre iluminou nossas vidas, estenderá agora sua luz ao universo. Sua passagem deixa o mundo inteiro de luto. Mas ninguém mais do que nós para sentir a emoção de sua partida. Uberaba era a sua casa. Os uberabenses, sua família. A você, toda a saudade e gratidão de uma cidade que te ama. E que no fundo sabe que, lá em cima, você vai continuar olhando por nós, com sua alma iluminada de bondade e simplicidade. Seu exemplo de amor absoluto continuará em nossos corações regendo nossas vidas e nossas ações. (Texto do pôster editado em homenagem a Chico Xavier.)

7. Elmar Prado – Presidente da Câmara Municipal de Uberaba

“Foi uma perda irreparável. Chico era uma referência de amor e bondade para todos nós” – declaração ao decretar ponto facultativo no dia 2. (*Jornal da Manhã*, 2-7-02.)

8. Câmara Municipal de Pedro Leopoldo

“Nasce uma estrela. Homenagem dos vereadores de Pedro Leopoldo à memória de Chico Xavier, Mineiro do Século e filho mais ilustre da cidade.” (*Jornal da Manhã*, 2-7-02.)

9. Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Uberaba

“A morte do líder espiritual Chico Xavier é uma perda inestimável para Uberaba e também para o país. Ele, durante a vida, soube valorizar a fé cristã, amparar os necessitados e trabalhar pela paz. Um exemplo de vida que, com certeza, permanecerá entre nós.” (*Jornal da Manhã*, 2-7-02.)

LIDERANÇAS RELIGIOSAS

10. Padre José Bizon – Assessor da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)

“Chico Xavier foi um homem exemplar e sempre disposto a fazer o bem. Dedicou a vida às pessoas que o procuraram. Soube entendê-las, amá-las e orientá-las.” (*Folha de S. Paulo*, 10-7-02.)

11. Henry Sobel – Presidente do Rabinato Congresso Israelita Pau1ista

“Embora o contato com os mortos não faça parte da prática judaica, eu respeitava o trabalho de Chico Xavier, principalmente o conforto espiritual que ele trazia a tanta gente, sem fazer distinção ente ricos e pobres. Sei que ele tocou a vida de muitas pessoas e trouxe alívio a muita gente em momentos de dor e desespero. Chico Xavier foi um homem profundamente espiritual, um homem que merece todo o nosso respeito pela obra, pelo bem que ele fez.” (*Planeta* – Edição Extra, julho/2002.)

12. Xeiqve Jihad Hassan – Vice-Presidente da Assembléia Mundial da Juventude Islâmica

“Mesmo que eu seja de outra crença religiosa, não posso deixar de admitir que com seus princípios, Chico Xavier lutava pelo bem e pela paz. Perdemos então mais um guerreiro a serviço da tolerância.” (*Folha de S. Paulo*, 1o-7-02.)

13. Leonardo Boff – Teólogo e escritor

“Ele era um dos grandes anjos bons que o povo brasileiro tinha. O centro de sua mensagem era o amor e a bondade, especialmente para com os que sofriam. Colocou toda a sua energia interior e sua capacidade de transformação a serviço de uma missão verdadeiramente messiânica: consolar os desesperados, enxugar lágrimas e curar enfermos.” (*Folha de S. Paulo*, 1o-7-02.)

14. Roger Perez – Presidente da Union Spirite Française et Francophone

“Venho hoje, com todos os nossos companheiros espíritas da França, juntar-nos às preces de todos os brasileiros, a fim de que o Espírito de nosso querido irmão Chico Xavier seja conduzido à gloriosa luz de nosso Pai Eterno. Foi uma alma cheia de bondade, humildade e amor para a humanidade inteira; um exemplo para nossa memória e um fiel espírita. Pedimos que Deus nos mande muitos Chico Xavier, para livrar o nosso mundo das pesadas sombras que encobrem a humanidade.” (Por *Fax*.)

15. Arnaldo Carvalhaes da Silva Costeira – Presidente da Federação Espírita Portuguesa

“A Federação Espírita Portuguesa e todo o Movimento Espírita Português apresentam as mais sinceras condolências pelo desencarne de nosso confrade Francisco Cândido Xavier, solidarizando--se com todos aqueles que tinham nele um referencial de Moral, Dedicção e Exemplo de como ser espírita com letra grande. Francisco Cândido Xavier foi um cidadão do Mundo e marcará, sem dúvida, os próximos decênios, com seus livros que psicografou com inegável carinho e entrega a uma missão que extravasou para fora do Movimento Espírita. Portugal espírita não esquece o contributo que Chico deu ao movimento espírita português e mundial com os mais de quatrocentos livros publicados e solidariza-se com os irmãos de Além mar, prossequindo nos esforços para, em conjunto com a FEB, honrando a entrega dedicada de Chico-Amor-Xavier, tudo fazer para que o mundo se transforme num mundo melhor e mais fraterno.” (Por *e-mail*.)

16. Félix José Renaud – Presidente da Confederación Spiritista Argentina

“Francisco Cândido Xavier voltou ao Mundo Espiritual, deixando um legado com o que, depois de 75 anos de humilde e disciplinado labor como intermediário do pensamento de preclaros Espíritos, foi complementando a Codificação do Mestre Kardec. Além disso, sua palavra generosa espalhou consolo e esperança a todo sofredor – encarnado ou desencarnado – que lhe tenha solicitado.

A Confederação Espiritista Argentina junta sua homenagem de gratidão à da comunidade espírita brasileira e internacional, em reconhecimento à edificação materializada pelo meritório obreiro do Senhor que, mediante sua conduta e as obras literárias impressas, ilumina com clarões divinos mentes e corações do mundo inteiro.” (Por *e-mail*.)

ARTISTAS

17. Carlos Verezza

“Abrazei o Espiritismo em 1990, após uma depressão. Recuperei-me ao freqüentar o Lar de Frei Luiz, para onde o Chico encaminhava fiéis. Para mim, seu grande milagre foi provar, através de mensagens psicografadas, a vida após a vida.” (*IstoÉ*, 10-7-02.)

18. Fábio Assunção

“Conheci Chico Xavier aos oito anos, quando meu pai recebeu um texto psicografado de meu avô. Ele foi um homem perfeito. Tinha uma energia muito boa e ajudou muita gente. Sinto por sua morte, mas fico feliz por ele ter descansado.” (Idem.)

19. Nicete Bruno

“Nasci em uma família espírita, mas só comecei a estudar a doutrina em 1962, após o falecimento de um tio querido. Hoje acredito que todos nós somos médiuns, é só uma questão de exercitar. Para mim, Chico Xavier não morreu. A morte é só uma transformação.” (Idem.)

20. Caio Blat e Ana Ariel

“Fomos à Casa da Prece no sábado – diz Caio – e estávamos chegando em São Paulo quando recebemos a notícia de que ele havia morrido. Voltamos na hora.” “Fica um sentimento de saudade muito grande – afirma Ana. Mas também de fé. Acredito que ele esteja feliz nesse momento. (Idem.)

21. Cássia Kiss

“Estive recentemente com o Chico Xavier em Uberaba, junto com Antônio Fagundes. Foi emoção pura, um momento especial, que durou muito pouco. Ele nos recebeu em sua casa, estava nos esperando para o almoço. Mas nós fomos embora. Não acreditamos que ele estava se preparando para nos receber, achamos que era muita coisa. Chico era uma figura de muita luz.” (*Planeta* – Edição Extra, julho/2002.)

22. Paulo Goulart

“Toda obra de Chico Xavier está voltada para a conscientização. O Chico foi um grande esclarecedor, principalmente das dores humanas; foi um grande consolador para que as pessoas entendessem a transcendência da vida, independentemente do processo de crer nas coisas, mas no sentido de lutar por elas.” (Idem.)

23. Norton Nascimento

“Para mim, ele continua vivo, só que num plano mais elevado.” (ISTOÉ Gente, 15-7-02.)

24. Elba Ramalho

“O Chico foi um dos seres mais importantes do nosso planeta. Tinha um sentimento fraterno profundo e uma vida dedicada à fraternidade, à solidariedade. Sua importância transcende o fato de ser um homem kardecista através de suas ações, pela forma como ele expressava o amor para com o próximo. Ele, juntamente com Irmã Dulce e Madre Tereza são figuras que transformaram suas vidas em algo fundamentado no amor.” (Idem.)

-

Francisco Cândido Xavier

(1910 – 2002)

AFFONSO SOARES E ZÊUS WANTUIL

“O que demonstra, de modo brilhante, a intervenção de Deus na História, é o aparecimento, no tempo próprio, nas horas solenes, desses grandes missionários, que vêm estender a mão aos homens e os repor na senda perdida, ensinando-lhes a lei moral, a fraternidade, o amor de seus semelhantes, dando-lhes o grande exemplo do sacrifício de si pela causa de todos.”

LÉON DENIS (“O GRANDE ENIGMA”)

Reconhecimento e Gratidão

Não obstante sabermos, todos os espíritas, que a morte é tão-somente uma transição natural, inerente à própria vida, e que não significa qualquer perda essencial para o ser, uma vez que o organismo físico, material, perecível, não passa de revestimento grosseiro, tomado à Natureza para a ela um dia retornar – não obstante, repetimos, tal compreensão adquirida nas fontes sagradas da III Revelação –, os espíritas estamos sensibilizados pelo passamento daquele que, durante sucessivas décadas, ofereceu aos homens o testemunho da fidelidade aos compromissos assumidos com o Alto para servir de mediador entre os dois planos de vida. Já não mais temos entre nós, no círculo grosseiro das formas, o muito amado médium Francisco Cândido Xavier.

Causaria estranheza identificarmos o querido irmão com o conteúdo da citação que colhemos da obra de Léon Denis, pois que estaríamos ferindo a memória do nosso homenageado, de cujos traços inconfundíveis de caráter sempre avultaram a humildade, a simplicidade, reforçadas pela consciência que sempre teve de sua mera condição de intermediário. Na verdade, a menção de tão profunda tese, desenvolvida pelo eminente discípulo de Allan Kardec, não a aplicamos ao saudoso médium, mas, sim, à *coorte de missionários* aos quais ele serviu de porta-voz no exercício abençoado de seu mandato mediúnico. E era assim que ele, como lúcido estudioso e fiel praticante da Doutrina, se via, lembrando-nos a lição fundamental que nenhum médium pode desprezar: apagar-se, como João Batista, para deixar brilhar a Luz que jorra de Mais Alto. É o que o Chico sempre fez, não obstante haver merecido toda a carinhosa evidência que lhe ofereciam tanto os corações sofredores, revigorados pelas bênçãos provenientes de suas faculdades, como os corações de boa vontade, encantados com sua produção e sua personalidade de escol.

Chico e a Casa de Ismael

Chico foi o instrumento ideal para que o Divino Mestre consolidasse no Brasil o transplante da Árvore do Evangelho, o qual, anunciado em Mateus (21:43), foi confirmado, em 1920, em comunicação recebida na Casa de Ismael através do médium Albino Teixeira e, mais tarde, em 1938, na obra do Espírito Humberto de Campos, recebida pelo próprio Chico, intitulada “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. E para que empreendimento de tal vulto não experimentasse os prejuízos que sempre embaraçam os passos da individualidade encarnada, desde o início de sua luminosa missão o querido médium, certamente tocado pelo sopro inspiracional de seus Mentores do Além, buscou amparo moral e intelectual da Casa de Ismael.

Foi de tal ordem a tessitura dos laços que se formaram entre ele e a Federação, que é impossível dissociá-los, no que respeita à concretização no plano visível da parte mais substancial da obra que viria influir decisivamente para a formação evangélica do Movimento Espírita no Brasil. E, não obstante ser ainda prematuro um juízo completo sobre a influência que um tal exemplo de fidelidade e dedicação exerceu e irá exercer na disseminação dos princípios do Espiritismo, não podemos deixar de aqui transcrever, por sua justeza, o pensamento do escritor Hernani Trindade Sant'Anna, expresso em "À Guisa de Apresentação" no livro "50 Anos de Parnaso", de Clóvis Ramos, a respeito da perspectiva passado-presente-porvir daquele que deixa o plano físico:

"Creio que, por mais privilegiados que sejam, falece aos contemporâneos de alguém a projeção histórica indispensável para avaliarem com justeza o grau de sua influência na perspectiva do tempo. Assim, por mais aptidões julguemos possuir, penso que ainda não podemos fazer idéia adequada de como será lembrado, no grande futuro, o nosso tão querido Francisco Cândido Xavier.

Se, porém, não podemos investir-nos no direito de ajuizar pelo porvir, podemos certamente recordar o passado e sentir com toda a força o presente, agindo de acordo com o nosso entendimento e com o nosso coração. Se não nos assiste o poder de falar pelas gerações porvindouras, que irão compulsar e aferir a obra mediúnica do Chico, temos sobre ela os nossos próprios juízos, na condição de seus contemporâneos e beneficiários diretos – e é nesses juízos que alicerçamos os nossos sentimentos. Para nós, portanto – e falo por mim, no caso –, o Chico e sua obra (e não os separo, porque a meu ver intimamente se entrosam e se completam) representam a própria consolidação do trabalho codificador de Kardec, quer pela exuberância de sua contribuição fenomenológica, quer pelo impacto e pela projeção de seu ideário, quer pela extraordinária pujança de sua exemplificação."

Primeiros Passos na Vida Terrena

Nosso irmão reencarna em 2 de abril de 1910, na pequena cidade de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, sendo batizado com o nome de Francisco de Paula Cândido*. De origem muito humilde, Chico era filho do operário João Cândido Xavier e da lavadeira Maria João de Deus, desencarnados respectivamente em 6/12/1960 e 29/9/1915.

As aparições do Espírito de sua mãe, quando a criança ainda não havia completado cinco anos de idade, assinalaram os primeiros fenômenos de clarividência e clauridiência que se ofereciam às suas faculdades mediúnicas, os quais, se proporcionaram grande alegria à sua alma infantil, também lhe valeram castigos e incompreensões por parte de quem tudo julgava invencionices de menino travesso.

Em virtude da escassez de recursos com que a família numerosa sempre se debatia, o Chico foi obrigado, desde menino, a trabalhar para que em casa não faltasse o mínimo necessário. Fazia seus estudos elementares, ao mesmo tempo que se dedicava aos rudes serviços de aprendiz numa tecelagem, onde seu pai o colocara aos 9 anos de idade. Pela manhã, até às 11 horas, o Chico assistia às aulas no grupo escolar, para, em seguida, trabalhar, até às 2 horas da manhã na fábrica de tecidos. Tal regime não permitiu que sua instrução fosse além do grau primário. Chico ainda trabalharia como caixeiro, garçom, ajudante de cozinheiro e, finalmente, como obscuro funcionário do Ministério da Agricultura, condição em que se aposentou, por invalidez, em janeiro de 1961, em razão de moléstia incurável nos olhos.

* Só em abril de 1966, Chico pediu a retificação de seu nome Francisco de Paula Cândido para Francisco Cândido Xavier, o que lhe foi judicialmente autorizado.

Tais precariedades, de ordem social e intelectual, obedeciam, todavia, a plano superior, providencial, imunizando o instrumento contra os daninhos prejuízos da presunção acadêmica, da indiferença moral e do materialismo.

Educado sob orientação católica, o Chico atravessaria essa fase primitiva de sua iniciação sob o signo da perplexidade diante de fenômenos cuja explicação satisfatória aguardaria até o ano de 1927, quando, precisamente no dia 7 de maio, assistiria à primeira sessão espírita, promovida pelo casal José Hermínio Perácio e Cármen Pena Perácio, para socorrer um caso de obsessão na pessoa de sua irmã Maria Xavier Pena. Sua intervenção nesse trabalho foi por meio de preces.

Iniciação no Espiritismo

José Hermínio e Cármen Pena Perácio foram os instrumentos do Alto para aproximar o Chico da Doutrina Espírita. D. Cármen, portadora de positivas faculdades mediúnicas, serviu de canal para as primeiras orientações da Espiritualidade com vistas à utilização dos dotes do Chico. Em 8/7/1927, no Centro Espírita Luiz Gonzaga, recém-fundado pelo casal Perácio em Pedro Leopoldo, o jovem médium recebe sua primeira comunicação psicográfica, obedecendo a recomendação dos guias por intermédio de D. Cármen. Dias depois, em sessão particular na Fazenda Maquiné, propriedade dos Perácio, D. Cármen ouve e vê o Espírito Emmanuel, o qual lhe recomenda pedir ao Chico que tome de papel e lápis. Chico recebe de sua mãe, Maria João de Deus, conselhos em torno do tratamento da irmã Maria Xavier Pena, que se restabelecia de terrível processo obsessivo.

Ainda antes de se apresentar às faculdades mediúnicas do Chico, o que ocorreria em 1931, Emmanuel criara para a visão de D. Cármen um quadro fluídico, anunciador da missão destinada ao médium. Foi a 18/1/1929, durante uma sessão no C. E. Luiz Gonzaga: D. Cármen vê que do teto choviam livros sobre a cabeça do Chico e sobre todo o grupo.

É nesse ambiente de paz e de envolvimento superior que o Chico se prepara, sob a condução dos guias e o amparo carinhoso do casal Perácio e dos demais membros do Centro, para os graves desempenhos na seara espírita. Nesse período, após veicular mensagens de orientação, aconselhamento, de cunho íntimo, familiar, iniciase a produção literária, pela recepção de poesias de elevado conteúdo e fino lavor. Certamente inspirado pelos Maiores do mundo invisível, o Sr. José Hermínio sugere ao Chico que escreva para Manuel Quintão, Vice-Presidente da FEB, explicando o que ocorria e pedindo orientação.

Esse contato, decisivo para a vida do Chico, se dá em 1931. O médium inicia correspondência com o brilhante cronista de “Casos e Coisas”, enviando-lhe um punhado de poesias mediunicamente recebidas, para que o devotado obreiro da Casa de Ismael ajuizasse de seu valor literário e doutrinário, bem como as analisasse do ponto de vista de sua autenticidade.

O “Parnaso”

Antes desse contato, muitas peças ditadas ao Chico foram consideradas pelos amigos, e mesmo por seu irmão José Cândido, como nascidas da própria lavra do médium, embora este afirmasse a impossibilidade de tal fato. À revelia do Chico, enviavam os poemas à imprensa espírita (“REFORMADOR”, “O Clarim”, “Aurora”) e à imprensa leiga (“Jornal das Moças”, “Gazeta de Notícias”, “Almanaque de Lembranças”) sob o

nome de F. Xavier. Assustado, pois tinha consciência da profunda seriedade do assunto, o Chico decide então submeter ao exame da Federação Espírita Brasileira os versos que continuava a receber, mas agora assinados por seus verdadeiros autores, nomes respeitáveis e ilustres da literatura luso-brasileira. Manuel Quintão, que era escritor e poeta, não hesita em aceitar a origem mediúnica do material a ele enviado para exame, identificando os autores espirituais pelo inconfundível estilo de cada um e es-tribando-se igualmente na probidade moral daquele que, com humildade e desinteresse, procurava honrar a Verdade. O fruto de tão decisivo contato seria o aparecimento, em julho de 1932, da monumental obra “Parnaso de Além-Túmulo”, que inauguraria a fecunda produção do médium, com vistas a sustentar os princípios do Espiritismo Cristão no Brasil.

Em REFORMADOR de 1967, páginas 145 a 147, num artigo intitulado “Chico Xavier em 40 anos”, Ismael Gomes Braga evoca esses lances iniciais da trajetória do saudoso médium, recordando ter sido em 16/2/1930 a primeira vez que aparecem no órgão da FEB versos mediúnicos então atribuídos a F. Xavier. Ismael os reapresenta ao público, juntamente com outras poesias, ainda atribuídas a F. Xavier, que apareceram em Reformador de maio de 1930 e julho de 1931, além de outro poema publicado no “Jornal das Moças”, de 1931. Nesse artigo, Ismael revela seus autores espirituais: João de Deus, Anthero de Quental e Cruz e Souza. (Artigo publicado em REFORMADOR de julho/2002, p. 12-14.)

Eis os quatro sonetos:

OS FELIZES

No triste horror,
Destes caminhos
Cheios de espinhos,
E de amargor,

Os pobrezinhos,
Filhos da Dor,
Têm mais carinhos
Do Criador!

Pois sabem ver,
Em seu sofrer
Pela existência,

A caridade,
Suma bondade
Da Providência!

JOÃO DE DEUS
(DE REFORMADOR DE 16/2/1930.)

O CRISTO DE DEUS

Lendo M. Quintão

Cristo de Deus, que eras a pureza
Eterna, absoluta, invariável,
Antes que fosse a humana natureza,
Estes cosmos – matéria transformável;

Que já eras a fúlgida realeza,
Dessa luz soberana, imponderável,
O expoente maior dessa grandeza,
Da grandeza sublime do Imutável!

Ainda antes da humana inteligência,
Eras já todo o Amor, toda a Ciência,
Perfeição do perfeito inconcebível;

Fostes, és e serás eternamente,
O Enviado do Pai onipotente,
Cristo-Luz da verdade inconfundível!

ANTHERO DE QUENTAL
(DE REFORMADOR DE 16/5/1930.)

Crê!

Há na crença uma luz radiosa e pura,
Que transfigura os prantos em prazeres,
Que transforma os amargos padeceres,
Em momentos de mística ventura.

Confia, espera e crê. Quando sofreres,
Sob os guantes da ríspida amargura,
Nas tormentas acerbadas dos deveres
Esquecerás a dor e a desventura.

É que, em meio das mágoas mais atrozes,
Sentirás dentro em ti estranhas vozes
Repletas de doçura indefinida:

São os seres ditosos, superiores,
Que nos impelem a nós, os sofredores,
Aos luminosos planos da outra vida.

ANTHERO DE QUENTAL
(DE REFORMADOR DE 16/7/1931.)

Sobre a Dor

Suporta calmo a dor que padeceres,
Convicto de que até dos sofrimentos,
No desempenho austero dos deveres,
Mana o sol que clareia os sentimentos.

Tolera sempre as mágoas que sofreres,
Em teus dias tristonhos e nevoentos;
Há reais e legítimos prazeres
Por trás dos prantos e padecimentos.

A dor, constantemente, em toda a parte,
Inspira as epopéias fulgurantes,
Nas lutas do viver, no amor, na arte;

Nela existe uma célica harmonia,
Que nos desvenda, em rápidos instantes,
Mananciais de lúcida poesia.

CRUZ E SOUZA
(DO "JORNAL DAS MOÇAS", ANO 1931.)

"Amigo e Mentor"

O ano de 1932 reservaria ao Chico a alegria de outro encontro decisivo para o seu desempenho de médium sério, modesto, devotado e seguro, segundo a conceituação de Allan Kardec, no capítulo XVI, no 197, de "O Livro dos Médiuns". Lançado o "Parnaso de Além-Túmulo", eis que o Alto Ihe envia a amizade de Antônio Wantuil de Freitas, então no exercício do jornalismo, a serviço do Consolador Prometido, através das páginas do periódico "A Verdade", do Rio de Janeiro. Wantuil Ihe escreve, em nome do Espírito Vovó Virgínia, entidade benfazeja que o amparava na nobre tarefa de divulgador do Espiritismo, enviando-lhe dez livros espíritas, com o que inaugurava um intercâmbio com o querido médium que durou até o fim da existência corpórea do saudoso Presidente da FEB, e do qual podemos fazer uma idéia por intermédio da obra "Testemunhos de Chico Xavier", de Suely Caldas Schubert, editada pela Federação Espírita Brasileira.

Em 19 de dezembro de 1967, ao transmitir suas expressões de respeito e gratidão aos companheiros da Casa de Ismael, Chico Xavier faria esta confissão:

"Durante quarenta anos o nosso Dr. Wantuil de Freitas tem sido para mim um amigo e um mentor. Se é verdade que temos no Espírito de Emmanuel um amigo vigilante, um orientador no Mundo Espiritual, eu devo reconhecer de público tudo quanto devo a este nosso amigo valoroso e incansável (...)." ("O Espírita Fluminense", janeiro/1969.)

O Alto buscava preservar o valioso instrumento contra os inevitáveis assédios das hostes trevosas, às quais absolutamente não interessava a nova dispensação de luz de que ele seria o veículo ideal. E nesse esforço cuidava de cercá-lo, na Terra, de outros servos esclarecidos, de modo que, pela união de forças, pela recíproca sustentação fraterna, não periclitasse a gigantesca obra que se iniciava.

“Sofrer para Aprender”

Em 1933, o Chico experimenta um grave teste para a sua fidelidade de servo do Senhor. A tentação o cerca, ferindo a corda sensível das necessidades materiais, com as quais ele sempre se viu a braços no seio de uma família numerosa, assediada por prementes dificuldades com respeito à própria subsistência.

Um distinto poeta e escritor, José Álvaro Santos, tendo lido o “Parnaso” e condoendo-se da situação do Chico e de sua família, convida-o a ir para Belo Horizonte, onde lhe conseguiria colocação mais rendosa. Seu pai o encoraja insistentemente, invocando as agruras da própria vida, e o Chico, à noite, ouve de Emmanuel a advertência de que esse plano era inoportuno, o amparo viria sem necessidade de tal iniciativa. Vendo, porém, a terrível luta íntima do Chico, o amoroso guia, embora reafirmando o prudente conselho, autoriza-o, para evitar que o Chico contrariasse o velho pai. Mas profetiza: – “Ganharás conhecimentos e experiências de que muito necessitas. Não abandones a prática da oração. Estaremos contigo através da prece.”

Tudo resultou infrutífero, não tendo o Chico conseguido o almejado emprego.

O amigo se fora para o Rio de Janeiro, e o médium decide retornar, triste, ao lar paterno. Enquanto aguardava o trem, eis que dois “amigos” o procuram, declarando que um emprego para ele estava sendo obtido em Belo Horizonte. Não somente emprego, mas também recursos para instruir-se convenientemente e para socorrer sua família. O Chico enche-se de alegria pela feliz perspectiva. Mas durou pouco a felicidade. Os portadores da notícia também traziam condições: para obter a colocação, o Chico deveria renunciar ao Espiritismo e dizer que o “Parnaso de Além-Túmulo” era dele e não dos Espíritos... Chico obviamente recusa, alcançando o sentido da lição e compreendendo que sua experiência era útil não somente para si, mas para todos os médiuns que enfrentam situações semelhantes.

Elias Barbosa, em seu excelente trabalho “No Mundo de Chico Xavier” (IDE, 1967), de que nos temos servido, propõe ao Chico uma pergunta a respeito da posição de Emmanuel sobre o ocorrido:

“P. – Depois disso, Emmanuel examinou o assunto com alguma consideração digna de nota?

R. – *Nosso benfeitor espiritual ponderou, como sempre, que todo médium tem seus testes como todo aluno tem exames na escola, e que eu não poderia escapar. Ainda hoje devo sofrer para aprender, como me dizia ele em 1933, e creio sinceramente que ainda nada sofri para compensar as alegrias que ele, Emmanuel, na Doutrina Espírita, me tem dado.*”

Ainda em 1934, como que couraçando-o contra os ataques provenientes de alguns representantes da religião tradicional e da ciência oficial, os quais, ao longo dos anos, atribuiriam sua produção mediúnica a simulações, anormalidades, auto-hipnose, disritmia cerebral e quejandos disparates, o Espírito do grande romancista português, Eça de Queiroz, fiel à boa e velha ironia, espanta sua tristeza com este fático recado:

“Vai continuando até que te receitem a enxovia ou o manicômio. No cárcere ou no sanatório, alcançarás um período de repouso. Não te apavores.”

O Espírito Humberto de Campos

O ano de 1935 seria outro marco no árduo, mas luminoso mediumato do humilde operário do Cristo. É quando se lhe apresenta o Espírito do consagrado escritor brasileiro, Humberto de Campos, desencarnado na cidade do Rio de Janeiro em 1934. Chico recorre ao amigo Manuel Quintão, relatando-lhe a singularidade do contato com o escritor desencarnado, ao mesmo tempo em que lhe envia duas páginas mediúnicas, uma das quais é a que Humberto de Campos lhe ditou em 27/3/1935, intitulada “De um casarão do outro mundo”, a qual aparece numa obra de 1936: “Palavras do Infinito”, e, em 1937, no livro “Crônicas de Além-Túmulo”, editado pela Federação Espírita Brasileira.

Creemos ser digna do conhecimento do leitor a carta que Chico endereçou a Quintão, publicada por REFORMADOR, no mesmo ano, 1935, na página 162:

Pedro Leopoldo, 30/3/1935

Bondoso amigo Sr. M. Quintão

Saudações com os meus votos de paz.

Não sei se o amigo recebeu a minha última carta mas, mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções mediúnicas recebidas por mim nesta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas, desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de Campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetação que não me deixava ver a Terra. Não vi casa alguma. O que me impressionou mais é que as pessoas que eu via estavam sob uma árvore muito grande e tão branca que, quando o sol batia nas suas frondes de folhas muito delgadas, parecia uma grande árvore de cristal. Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade, dizendo – “Você é o menino do Par-naso?” Disse-me mais coisas das quais não posso me recordar.

Que diz o amigo de tudo isto? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler. Estão certas as citações?

Sem mais, esperando carta sua, espera as suas desculpas o amigo e menor criado à s ordens

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER.

Daí em diante o Chico começaria a arcar com o terrível ônus da popularidade, inevitável na trilha dos que, portadores das fagulhas celestes, devem sacrificar-se para espancar as trevas dos caminhos humanos.

O início das manifestações de Humberto de Campos atrai a curiosidade da imprensa e o Chico enfrenta a primeira entrevista, promovida pelo jornal “O Globo”. Da reportagem que com ele faz o repórter Clementino de Alencar, em 1935, nasce o livro “Palavras do Infinito” (1936), edição da LAKE, acima mencionado.

Cresce a Produção Mediúnica

Com esses fatos auspiciosos, é dado prosseguimento à fecunda produção junto à Federação Espírita Brasileira, surgindo nesse abençoado cenário de reanunciação das verdades celestes a plêiade de obreiros desencarnados que trariam, cada um em sua especialidade, a seiva para o sustento da generosa Árvore do Espiritismo Cristão, aqui plantada pela gloriosa falange de Ismael.

As faculdades peregrinas do saudoso médium, sua inabalável fidelidade ao programa delineado pelos Espíritos Superiores, suas virtudes cristãs provadas nas lutas ásperas da existência terrena, principalmente a renúncia aos próprios interesses pessoais em favor da Causa, suportando calúnias, difamações e perseguições, asseguram a execução do plano concebido pelos servos de Jesus. E do Alto, em catadupas, jorram as luzes da revelação e da consolação. Humberto de Campos, Emmanuel, Casimiro Cunha, André Luiz, Veneranda, Neio Lúcio, Frederico Fígner, entre muitos outros, fecundam o pensamento e o sentimento de mais de uma geração de espíritas devotados, esclarecem consciências, reerguem caídos, revigoram enfraquecidos, servindo-se do instrumento por excelência, eis que ele próprio vive, profunda e sinceramente, as verdades que deve veicular.

Muito se pode escrever sobre a essência superior de tal produção, levada a efeito sob a orientação de Emmanuel. Limitemo-nos à menção de grandes temas abrangidos pelo plano dos Benfeitores Espirituais, concretizado através do saudoso médium:

Revelação dos ascendentes espirituais na História (“A Caminho da Luz”), missão coletiva de um povo (“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”), conclusão dos “Atos dos Apóstolos” (“Paulo e Estêvão”), detalhamento da vida de Além-Túmulo (obra de André Luiz), ascendentes espirituais do Esperanto (mensagens de Emmanuel e de Francisco Valdomiro Lorenz), compreensão superior do sexo (“Vida e Sexo”), avançado estudo da mediunidade (“Nos Domínios da Mediunidade”), entre outros, tudo envolvido, impregnado pela mensagem maior, isto é, a vivência do Evangelho de Jesus.

No Grupo Ismael

É aos 7 de junho de 1936 que o Chico pisa pela primeira vez as plagas cariocas, em viagem de serviço.

Aproveita então a oportunidade para conhecer a Casa de Ismael, da qual muito lhe falavam seus mentores espirituais e os necessitados do corpo e do espírito que lá obtinham o bálsamo para suas dores.

Comparece, no dia 10 de junho, quarta-feira, à sessão do Grupo Ismael, cumprindo promessa feita a Manuel Quintão, quando este, em março do mesmo ano, excursionara a Pedro Leopoldo na companhia de outros obreiros da Casa de Ismael.

No dia 12, sexta-feira, o Chico toma parte na sessão pública da Casa, durante a qual, como também na sessão do Grupo, recebe comunicações em prosa e versos dos Espíritos Cruz e Souza, Auta de Souza, Hermes Fontes, Emmanuel e Bittencourt Sampaio.

Dentre as muitas peças, de elevado conteúdo moral, recebidas pelo Chico nessa memorável sessão pública, não podemos deixar de transcrever o belíssimo soneto com que o poeta português João de Deus reverencia a Oficina do Anjo de Jesus, sob o título “TEMPLO DA PAZ”:

Aqui é o templo augusto da Esperança,
De cujo altar o Espírito, se crê,
Em claridades doces entrevê
O País da Verdade e da Bonança!

Oásis de repouso onde descansa
Todo aquele que chora e que tem fé,
Templo divino que Ismael provê
De luminosa bem-aventurança.

Enquanto o mundo clama em desconforto,
O crente encontra aqui seguro porto,
Cheio de amor e fé, de vida e luz!

Templo de paz da vida verdadeira,
Santuário da Terra Brasileira
De onde se espalha o ensino de Jesus!

Mais se estreitavam os laços entre o médium e a veneranda Instituição, certamente em cumprimento a sagrados compromissos firmados no Além.

No ano seguinte, precisamente no dia 2 de abril de 1937, o Chico faria nova visita à Casa de Ismael, após haver regressado da capital paulista, aonde fora para tomar parte nas homenagens prestadas a Allan Kardec pela Sociedade Metapsíquica daquela cidade.

Era novo testemunho do carinho e do apreço que sempre devotou à Casa, testemunho aliás dos mais expressivos pela sua espontaneidade e pelos sacrifícios de uma viagem incômoda e exaustiva. Como da outra vez, o Chico assiste à sessão regemmental daquele dia, uma sexta-feira, durante a qual psicografa uma página de autoria do Espírito Bittencourt Sampaio.

Comentários de Dois Ilustres Escritores

A primeira metade dos anos 40 reservaria ao Chico grandes alegrias e consolações, ao lado de um difícil testemunho em favor da Verdade. Dois ilustres escritores patrícos, despertados pelos clarins da imortalidade que Humberto de Campos faz ressoar nos acampamentos da intelectualidade cética, dão ensejo a manifestações sinceras e frutíferas em favor do Espiritismo. Em 1939, Agrippino Grieco, embora com as naturais reservas de pensador católico, acolhe uma crônica póstuma de seu velho amigo Humberto de Campos, ditada aos 30 de julho daquele ano na sede da União Espírita Mineira, com as seguintes expressões:

– “Uma crônica, em suma, que, dada a ler a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: ‘É Humberto puro!’” E aos 6 de outubro o mesmo Humberto responde, através do Chico, a uma carta do escritor Gastão Penalva, publicada pelo “Jornal do Brasil” de 4 do mesmo mês (“A Humberto de Campos – onde estiver”), afastando-lhe o abatimento causado pelos prenúncios da catastrófica Guerra que assolaria o planeta até 1945.

Mas, se a Humanidade devia experimentar a inevitável repercussão dos ódios coletivos, dos nacionalismos exacerbados, deixando-se conduzir pelas trevosas falanges do caos, num conflito de assustadoras proporções e lamentáveis conseqüências, o Alto, as hostes do Cristo, cuidava de enviar as provisões de Luz para o futuro, o bálsamo para todas as dores, utilizando-se do humilde instrumento que, em Pedro Leopoldo, reencarnara para servir aos núcleos que no mundo espiritual se organizavam com vistas a preparar a mentalidade evangélica a se instalar no Orbe após a grande ceifa.

Sobre o assunto assim pontificava o Espírito Emmanuel em mensagem de 2 de janeiro de 1940, publicada em REFORMADOR:

“(...) A Europa, nas suas expressões de decadência, não conseguiria receber semelhantes vibrações, numa hora destas, em que o Velho Mundo ouve, amargurado, os mais dolorosos ais do Apocalipse. É por essa razão que os Espíritos do Bem e da Sabedoria buscam a América, para continuação da tarefa sagrada e, muito particularmente, o Brasil, dentro da sua incontestável missão de difundir o Evangelho pelo mundo, de modo a edificar-se o homem do futuro nas mais consoladoras verdades celestiais. (...)”

A Fase dos Romances

Nesse período, rico de experiências para o jovem médium, Emmanuel lhe propiciava abençoadas consolações por meio da visão dos quadros fluídicos que precederiam à recepção dos grandes romances históricos, jóias dignas de ombrear, quiçá superando-as, com as mais belas obras da literatura sobre os tempos heróicos do Cristianismo, como “Quo Vadis?” e “Fabíola”.

Entre 1939 e 1942, o amoroso guia, que já orientava os trabalhos do Chico desde 1931, revela aspectos de sua personalidade, ditando-lhe os romances “Há Dois Mil Anos” e “Cinquenta Anos Depois”, os quais tinham sido prometidos em “A Caminho da Luz”, livro em que Emmanuel narra os ascendentes espirituais das civilizações terrestres.

Mas, se lhe proporcionava tão consoladoras e transcendentemente manifestações de seu amor e de sua sabedoria, Emmanuel não poupava ao Chico ensinamentos e aprendizagens que, conquanto triviais, nem por isso deixavam de ser igualmente úteis para a conveniente formação do mediano.

Um episódio, ocorrido em 1941, dá bem a medida do zelo daquele amoroso e consciencioso benfeitor. Uma cunhada do Chico, que enviudara havia alguns meses, viu-se compelida a internação em sanatório para doenças mentais, deixando sobre o médium a pesada carga de condução dos sobrinhos, um dos quais era paralítico. O Chico chorou muito, o que lhe valeu consoladores esclarecimentos de Emmanuel sobre a justiça e necessidade das aflições. Mas o médium, desfeito em lágrimas, ainda persistia em certa inconformação, e, à pergunta do bondoso guia (por que ainda chorava?) ele responde agastado: – “Estou chorando, porque, afinal de contas, o senhor precisa saber que ela é minha irmã!” Emmanuel então lhe proporciona, a ele e a todo sincero discípulo do Cristo, profunda lição sobre a verdadeira fraternidade: – “Eu me admiro muito, porque, antes dela, você tinha lá dentro, naquela casa, trezentas irmãs e nunca vi você ir lá chorar por nenhuma. A dor Xavier não é maior que a dor Almeida, do que a dor Pires, do que a dor Soares, a dor de toda família que tem um doente. Se você quer mesmo seguir a doutrina que professa, ao invés de chorar por sua cunhada, tome o seu lugar ao lado da criança que está doente, precisando de calor humano. Substitua nossa irmã, exercendo, assim, a fraternidade.”

Em 1942, materializa-se na Terra, graças à bondade de Emmanuel e ao devotamento do Chico, o livro que, evidenciando profundos e luminosos traços da personalidade do apóstolo das nações, também revelaria ao mundo o papel do primeiro mártir do Cristianismo na obra do gigante de Tarso que levou a doutrina de Jesus para além das fronteiras da Palestina. Referimo-nos ao livro “Paulo e Estêvão”, o qual como que amplia o quadro do Novo Testamento, completando o relato inacabado de Lucas em os “Atos dos Apóstolos”. A médium Yvonne A. Pereira, que, à época de sua publicação, atravessava ríspidas provações, revigora-se ao influxo de tão sublimes revelações, declarando, mais tarde, ser “Paulo e Estêvão” a mais importante obra concedida aos homens pela Espiritualidade Superior, depois da codificação do Espiritismo. “Li-o, reli-o e estudei-o com a alma voltada para o Céu e ali encontrei não apenas legítimo conforto para o coração, mas também orientação nova para a minha vida.”

Consolidação Chico-FEB

É, todavia, o ano de 1943 que assinala etapa marcante na mediunidade de Chico Xavier. A ascensão de Antônio Wantuil de Freitas à Presidência da Casa de Ismael consolidaria as providenciais relações entre o médium e a Federação, com vistas à divulgação das revelações de que ele ainda se faria portador, empreendimento que naturalmente exigiria uma sustentação editorial capaz de enfrentar os prejuízos que espreitam e assediam toda iniciativa no plano material.

Wantuil era a personalidade talhada para tal missão. O Chico identifica a relevância do fato, de forma simples e lúcida, num postal que envia ao saudoso Presidente da FEB, em 23/12/43:

“(...) Façamos de conta que eu sou um pescador, no dizer de um Espírito amigo. Hei de enviar-te sempre o resultado da pescaria, e examinarás o material, antes de ir ao mercado, não é? Lançarás apenas o que aches de utilidade. (...)”

Esboçava-se, embora ainda no plano das idéias, o núcleo editorial da Casa de Ismael, veículo seguro para que chegasse aos mercados do sentimento e da razão a pescaria de luz obtida pelo humilde médium de Pedro Leopoldo nos oceanos fecundos da Espiritualidade.

E, como que aprovando a feliz conjunção com o plano físico, o Alto envia ao Chico a outra parte da alegria que lhe reservava o ano de 1943: inicia-se o trabalho com o Espírito André Luiz, objetivando importantíssimo programa de inusitadas revelações sobre a vida na Espiritualidade.

A Missão de André Luiz

Os primeiros contatos com André Luiz datam, porém, de 1941, quando o Chico começa a ver o amado Espírito sempre junto a Emmanuel, identificando-o como uma daquelas “autoridades espirituais”, de que lhe falara o amoroso guia, incumbidas de revelar desconhecidos aspectos da vida de além-túmulo, com objetivos de despertar e edificação.

Ouçamos do próprio Chico as suas impressões, transcritas, à pág. 98, na obra “Testemunhos de Chico Xavier”, de Suely Caldas Schubert, editada pela FEB:

“Dentro de algum tempo, familiarizei-me com esse novo amigo. Participava de nossas preces, perdia tempo comigo, conversando. Contava-me histórias interessantes e muitas vezes relacionou recordações do Segundo Império, o que me faz acreditar tenha sido ele, André Luiz, personalidade da época referida. Achava estranho o cuida-

do dele, o interesse e a estima; entretanto, decorrido algum tempo, disse-me Emmanuel que estava o companheiro treinando para se desincumbir de tarefa projetada e, de fato, em 1943, iniciava o trabalho com 'Nosso Lar'."

Em 1946, o Chico, ainda em carta a Wantuil, expressava sua crença de que André Luiz representava um círculo talvez mais vasto de entidades superiores, baseando sua suposição no fato de que, havendo sido interrompida por vários dias, a recepção da obra "Missionários da Luz", ele veio a saber que a causa da interrupção foi a realização de algumas reuniões para o exame da conveniência ou não de serem apresentadas algumas teses do autor espiritual no referido livro. Para reforço de sua opinião, ele informa a Wantuil que *"em psicografando o capítulo Reencarnação, do mesmo trabalho, por mais de uma vez, vi Emmanuel e Bezerra de Menezes associados ao autor, fiscalizando ou amparando o trabalho"*.

O Caso Humberto de Campos

Tantas bênçãos fortaleceriam o médium para o grande testemunho a ser oferecido pela Causa, no ano de 1944, quando a viúva de Humberto de Campos o envolve, e a Federação, em rumoroso processo em torno da produção literária atribuída ao Espírito do falecido esposo, até então enfeixada em cinco obras publicadas pela FEB: "Crônicas de Além-Túmulo", "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", "Novas Mensagens", "Boa Nova" e "Reportagens de Além-Túmulo".

O manso e devotado servo de Jesus jamais poderia supor que seu pacífico trabalho, sob a invocação de sinceras e humildes preces, tendo por companhia um punhado de adeptos tão modestos e simples quanto ele, e, por direção, a solicitude dos amorosos guias, viesse a suscitar um movimento que, empolgando a opinião pública da Nação, evocasse disputas em torno de direitos autorais, vantagens financeiras, bem como pusesse em julgamento a autenticidade do fato mediúnico, a existência dos Espíritos e sua possibilidade de se comunicarem com os "vivos", enfim, a própria Doutrina dos Espíritos.

Então, e com mais fortes e justificadas razões, revelava-se a sabedoria do Alto em colocar à frente dos destinos da Federação o caráter firme e íntegro de Antônio Wantuil de Freitas, sob cuja coordenação, com o concurso de Miguel Timponi, Carlos Imbassahy, Indalício Mendes e Jaime Cisneiros, articulou-se a defesa do médium e da obra que, por seu intermédio, viria a ser ampliada, defesa impregnada, como convinha, do espírito evangélico, serena, estribada na lógica e no sentimento. Dessa necessidade o Chico também teve clara consciência, como se depreende das seguintes expressões endereçadas ao saudoso Presidente, em 23 de novembro de 1944:

"(...) É muito triste vermos companheiros, com tantas expressões de cultura evangélica, arvorarem-se em lutadores e combatentes sem educação. Logo que houve o agravo da sentença (caso H. Campos), observando a agressividade de muitos, escrevi mais de cinqüenta cartas privadas e confidenciais aos amigos da Doutrina, com responsabilidade na imprensa espiritista, rogando a eles me ajudarem, por amor de Jesus, com o silêncio e a prece e não com defesas precipitadas e, confesso-te, que algumas dessas cartas foram escritas com lágrimas por mim, tal a desorientação de certos amigos que facilmente se transformam em provocadores e ironistas, esquecendo os mais comezinhos deveres cristãos (...)."

O sacrifício do médium, protegido pelo Alto e pela Casa de Ismael, não foi absolutamente em vão, pois dele resultaram abençoadas conseqüências favoráveis à divulgação da Doutrina Espírita em todas as camadas da sociedade, conferindo-lhe, a

ele, como veículo de tão consoladora dispensação de luzes, a têmpera indispensável para arrostar os novos obstáculos que, inevitavelmente, se ergueriam em sua missão de ponte entre o Céu e a Terra. O caso foi encerrado com sentença favorável ao médium e   Federação, tendo sido a ação declaratória julgada improcedente, merecendo destaque o seguinte trecho do Despacho Saneador de 23/8/44, assinado pelo Dr. João Frederico Mourão Russel:

“Nossa legislação protege a propriedade intelectual, em favor dos herdeiros, até certo limite de tempo, após a morte, mas, o que considera para esse fim, como propriedade intelectual, são as obras produzidas pelo ‘de cuius’ em vida. O direito a estas é que se transmite aos herdeiros. Não pode, portanto, a suplicante pretender direitos autorais sobre supostas produções literárias atribuídas ao ‘espírito’ do autor.”

Após o rumoroso caso, sobre o qual a obra “A Psicografia ante os Tribunais”, de Miguel Timponi, editada pela FEB, nos fornece circunstanciado relato, o Espírito Humberto de Campos permaneceu no abençoado serviço de iluminação, mas agora sob o sugestivo pseud nimo de “Irmão X”, apagando-se com relação ao cognome por ele utilizado, em parte, na sua produção literária na Terra.

Intermediário da Luz, Sem Privilégios

Na década que se segue, outros ásperos desafios se interpõem entre o médium e os objetivos que o Alto lhe apontava, sem, contudo, desviá-lo do programa, antes capacitando-o para a canalização de novos jorros de luz espiritual, tanto pelo exercício de sua mediunidade, através da qual, como fora predito em 1929, choveriam livros para a Humanidade, como por sua vivência da caridade cristã nas tarefas beneficentes a que se dava de todo o coração.

Em 1951, por estrangulamento de hérnia, vê-se obrigado a submeter-se a uma cirurgia no Hospital São João Batista, em Pedro Leopoldo, evidenciando a todos a grande lição de que sua condição de médium não lhe conferia qualquer privilégio, devendo suportar com paciência e resignação as dificuldades inerentes a toda encarnação humana. Mas, amparado pelo Alto, que, ao lado de toda dor sempre coloca um bálsamo, também nesse ano o Chico   confortado e fortalecido por testemunhos de fraternidade, novas oportunidades de serviço, bem como por abençoadas realizações na seara mediúnica.

No ano seguinte, funda-se em Pedro Leopoldo, por sugestão dos orientadores espirituais, o “Grupo Meimei”, visando-se a atender mais especialmente os casos de obsessão e doenças mentais.   nos trabalhos desse Grupo que o Chico, por via psicof nica, obt m um admirável conjunto de manifestações de diversos Espíritos, enfeitadas nas obras “Instruções Psicof nicas” e “Vozes do Grande Além”, as quais, justamente com o livro “Falando   Terra”, formariam um todo algo semelhante   série intitulada “Do País da Luz”, recebida, nas primeiras décadas do século XX, pelo médium português Fernando de Lacerda.

Também nesse fecundo período, o Chico veicula apreciados comentários de Emmanuel sobre versículos do “Novo Testamento”, comentários que seriam reunidos na série iniciada pelo volume “Caminho, Verdade e Vida”.

Entre 1952 e 1953, o Chico participaria, como médium, em sessões de materialização, encerradas todavia por ordem de Emmanuel, a fim de que o importantíssimo setor da recepção de livros não experimentasse qualquer arrefecimento.

Alegrias e Dores

As primeiras obras psicografadas por Yvonne A. Pereira, a partir de 1955, dão ao Chico novo ânimo, tanto pela essência da produção veiculada pela saudosa médium, quanto por seu caráter de verdadeira cristã, de médium a serviço da causa de Jesus.

E, em 1957, surgem as esperanças de um auxiliar direto, mais próximo, na figura do Dr. Waldo Vieira, cujos dons mediúnicos prenunciavam promissores e fecundas realizações na seara do livro espírita.

Em carta dirigida ao Dr. Wantuil, em 28/8/57, o Chico assim se expressava, revelando a sua grandeza de espírito e o seu acendrado amor à Doutrina:

“(...) Para mim seria o ideal que muitos médiuns aparecessem, cada vez mais cômnicos de nossas responsabilidades para com o Espiritismo Evangélico no Brasil. Médiuns que entendam a Federação e lhe respeitem as diretrizes. Permita Jesus que muitos e muitos apareçam e nos auxiliem a todos porque a comunidade espírita cresce dia a dia, rogando pão espiritual. (...)”

Soava, porém, a hora de novo e, agora, bem áspero testemunho. Teria como estopim a invigilância de um parente próximo que, habilmente manipulado por tradicionais adversários do Espiritismo, serviria de instrumento para tentar levá-lo ao ridículo, a ele e à Doutrina, com a acusação de que sua obra mediúnica era fruto de mistificação consciente, não passando o Chico de um esperto imitador. Numa entrevista exclusiva ao jornal belo-horizontino “Diário de Minas”, de 30/7/58 (Reformador, setembro, 1958, p. 11 e 12), o saudoso médium, com serenidade e espírito de renúncia, responde a tudo com benevolência, indulgência e perdão, envolvendo aquele parente em sinceras vibrações de amor, e, por fim, declara ao repórter: “Creio que com esta nova conversação estou encerrando de minha parte todo o assunto de que eu possa tratar na presente questão, rogando a Deus nos abençoe a todos.” E o triste episódio morreria por si mesmo...

Transferência para Uberaba

No ano seguinte, exatamente aos 5 de janeiro de 1959, transfere-se para Uberaba, onde encontraria o clima adequado para amenizar os efeitos de uma labirintite que o acometera em princípios de 1958.

A nova fase de vida em nada altera as diretrizes espirituais que o guiam no cumprimento dos sagrados deveres de médium a serviço de Jesus: fidelidade ao Evangelho e à Doutrina, sob o amparo dos desvelados guias, tendo à frente o infatigável Emmanuel.

Em Uberaba, como até então em Pedro Leopoldo, prosseguem os labores no campo do livro espírita e intensificam-se as atividades na beneficência, por meio da assistência à pobreza, do atendimento fraterno, a princípio na Comunhão Espírita Cristã e, mais tarde, sob os auspícios do Grupo Espírita da Prece, além do sagrado serviço da orientação espiritual e do receituário homeopático, tudo gratuitamente oferecido, como recomenda o Evangelho.

Sempre fiel a esse programa, o Chico ingressa na década de 60, mantendo sua ininterrupta atividade mediúnica no Espiritismo Cristão.

Em Excursão ao Exterior

Os abençoados frutos de seu trabalho já fecundam corações fora do Brasil, seu nome alcança projeção internacional, e é quando vê chegado o momento de pessoalmente colaborar para a difusão do generoso ideal entre irmãos de outras terras.

Em 1965 e 1966, excursiona, na companhia do Dr. Waldo Vieira, para visitar comunidades espíritas de diversas cidades dos Estados Unidos, México, Cuba, Haiti, Inglaterra, França, Itália e Portugal. Particularmente promissora foi a visita aos Estados Unidos, de que resultou a fundação do “Christian Spirit Center” e o lançamento do livro “The World of the Spirit”, tradução em inglês da obra psicografada por Chico e Waldo, da autoria de diversos Espíritos, lançada no Brasil sob o título “Ideal Espírita”, da Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba (MG). Dessas viagens à América do Norte e à Europa surgiu, publicada pela FEB, a obra “Entre Irmãos de outras Terras”, com mensagens recebidas em língua portuguesa e diretamente em língua inglesa.

Homenagens Oficiais Repassadas à Doutrina Espírita

Amado por todos, respeitado pelos adversários do Espiritismo, o Chico sempre e cada vez mais conquista os corações, exemplificando as virtudes cristãs da mansidão, da brandura, da caridade enfim, atraindo sofrendores, descrentes, desorientados para as luzes do Espiritismo Evangélico, calando, humildemente, as vozes de todos os que não simpatizam com a Doutrina, de que ele é um perfeito seguidor. E, naturalmente, sua pessoa é por todos requisitada, multidões o procuram, tanto para dele receber o conforto moral proveniente do Alto, como para, tão-somente, vê-lo, ouvir-lhe uma palavra, envolver-se no ambiente benfazejo que o cerca.

É a época das homenagens oficiais. A partir de 1968, a começar por sua jamais esquecida Pedro Leopoldo, dezenas de localidades, grandes e pequenas, lhe oferecem, por intermédio de suas casas legislativas, títulos de cidadania honorária, dos quais o generoso médium jamais declina, não por orgulho ou vaidade, já que tais sentimentos não vivem em seu coração, mas pelo amor à Causa do Cristo, pois sabe que é à Doutrina Espírita Cristã que tais homenagens, consciente ou inconscientemente, se dirigem.

Entrevistas e Reportagens

Sua palavra, sempre repassada de sabedoria, elevação moral e brandura, é avidamente disputada pelos veículos de comunicação, agora liderados pelo mais poderoso divulgador de idéias no século XX, que é a televisão. A entrevista concedida à TV Tupi, canal 4, de São Paulo, em 27 de julho de 1971, transmitida ao vivo no programa “Pinga-Fogo”, atingindo níveis de audiência nunca antes verificados, inaugura na década de 70 mais uma abençoada fase de serviços prestados pelo Chico à difusão das verdades espíritas. Em 12 de dezembro do mesmo ano, o Chico participaria de nova entrevista no “Pinga-Fogo”, que também obteve grande repercussão. Seguem-se muitas outras, também dadas a jornais e revistas, e desse movimento surgem diversos volumes que conservam no papel ou em fitas cassete, para as gerações futuras, tão precioso cabedal de informações a respeito da vida espiritual, das leis que regem os passos do Espírito eterno, na carne ou no além-túmulo. A Internet viria posteriormente ampliar o conhecimento de Chico e sua obra pelo mundo afora.

Visitas à Casa de Ismael

A década de 70 reserva uma imensa alegria à Casa de Ismael, quando o Chico a visita por três vezes. Em 22 de setembro de 1972, o saudoso médium revê o velho e venerando casarão da Avenida Passos, tomando parte em sessão pública noturna destinada ao estudo regular de “O Livro dos Espíritos”. Carinhosamente recebido pelo Presidente Armando de Assis, o Chico funciona como psicógrafo da reunião, recebendo belíssimo soneto de Amaral Ornellas, que a seguir transcrevemos:

Fim de Século

(Diante do Cristo e do Futuro, no Lar Terrestre)

Século XX... A Terra é nau sob tormenta...
Toda a estrutura estala, ao mar que se encapela...
A sombra espessa agrava o rigor da procela,
Salta o vento a rugir na fúria que o sustenta.

Templos, lendas, leis da equipagem atenta
Tremem, conquanto a luz de lâmpada singela:
O equilíbrio persiste, apoio e sentinela,
Contra o caos que domina em cólera violenta...

Gritos, alterações, sofrimento, cansaço,
Relâmpagos varando a imensidade do Espaço
São súplicas da fé na voragem sombria...

Mas no bojo do abismo um clarão resplendor,
Destacam-se da noite os acenos da aurora,
É o Cristo, em Sol de Amor que acende o Novo Dia!...

Em 21 de dezembro do mesmo ano, volta o Chico à Casa de Ismael, chegando às 8 horas da manhã ao Departamento Editorial, no Bairro São Cristóvão, no Rio de Janeiro, para o lançamento da edição comemorativa do 40º aniversário de aparecimento do “Parnaso de Além-Túmulo”. Após almoçar na residência do Presidente Armando de Assis, Chico volta ao Departamento Editorial, onde encontra a querida médium Yvonne A. Pereira, e juntos saem a percorrer todos os setores e dependências da Gráfica. No dia seguinte, o médium retorna ao Departamento Editorial para novamente autografar o “Parnaso”. E à noite comparece à sessão pública, na Avenida Passos, durante a qual psicografa duas belas peças poéticas dos Espíritos Constâncio Alves e Maria Dolores. Aqui transcrevemos o soneto “Sempre Jesus”, de Constâncio Alves, publicado, juntamente com o belíssimo poema “Trabalho Divino”, de Maria Dolores, em Reformador de janeiro de 1973:

...E tudo passará nos domínios do mundo,
Do grânulo de pó ao espaço irrestrito,
As civilizações e as eras em conflito
Fogem de passo em passo e segundo a segundo...

Tudo o tempo transforma em silêncio profundo
Da lava comburenta ao bloco de granito.
E o Homem segue além, procurando o Infinito
Entre o sonho criador e o cansaço infecundo!...

Esplendores da Assíria, Egito, Grécia, Roma...
A morte tudo altera e a vida se retoma
A fim de burilar-se em tudo quanto encerra...

Unicamente o Cristo Augusto e Soberano
Rebrilha sempre mais sobre o destino humano
Promovendo a grandeza e a perfeição da Terra!...

Chico fora também convidado pela Federação Espírita Brasileira para participar dos atos inaugurais da sua sede em Brasília, convite que ele agradeceu, dizendo da impossibilidade da sua presença por motivo de doença. Entretanto, deixou expresso este significativo trecho, em carta de 23/9/70:

“Creia, no entanto, que estamos em pensamento e coração com os amigos da Federação Espírita Brasileira, no grande acontecimento, de tanta significação para todos os setores de nossa querida Doutrina no Brasil. E faço votos para que a inauguração referida seja mais uma afirmação da vitalidade e da segurança com que a FEB a todos nos orienta no trabalho espiritual, em nosso País.”

Em 7 de janeiro de 1973, domingo, o Chico visita a sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, para participar de reunião pública que assinalaria o coroamento dos trabalhos do Conselho Federativo Nacional, desenvolvidos na semana transcorrida. Noticiava Reformador de fevereiro de 1973 ter sido aquela “a primeira vez que comparecia a um ato público dessa natureza em Brasília, o que motivou intenso documentário levado a efeito pelos jornais, rádios e TVs locais”.

Durante a reunião, com a presença do Presidente Armando de Assis e demais diretores da FEB, bem assim dos membros do Conselho Federativo Nacional, Chico veicula uma página-prece de Emmanuel, que alude expressamente à Casa de Ismael, conclamando a todos ao entendimento e à harmonia. Seguem-se dois sonetos medúnicos, da autoria de Americano do Brasil e Pedro D’Alcântara.

A FEB e os Cinquenta Anos de Mediunidade do Chico

Em 1977, o Movimento Espírita do Brasil homenageia o querido médium por haver atingido 50 anos de exercício ininterrupto da mediunidade, fiel às bases de Allan Kardec e sob a constante inspiração do Evangelho de Jesus. Números especiais de conceituados periódicos espíritas são inteiramente dedicados ao médium, evocando-lhe a vida irrepreensível, o amor jamais arrefecido, a inabalável fidelidade ao programa delineado pelos mentores espirituais da Pátria do Cruzeiro nos Conselhos do Infinito, sob a orientação de Ismael e o amparo do Divino Mestre.

O consagrado médico, jornalista e teatrólogo, Pedro Bloch, associa-se às homenagens, declarando: “Muita gente o considera um embusteiro. Mas que divino embusteiro não deve ser para viver toda aquela vida de humildade e renúncia.”

Artigo da Diretoria da Federação Espírita Brasileira, em Reformador de julho de 1977, expressava o carinho e a gratidão pelo seareiro que, junto a ela, muito fizera pela execução do programa traçado por Jesus, ao mesmo tempo que reverenciava a todos os que, a exemplo do Chico, trouxeram e continuavam trazendo sua quota de contribuição para a grande obra de cristianização da Terra:

“(...) A Casa-Máter do Espiritismo, lembrando a data que assinala meio século de intensos labores de Francisco Cândido Xavier, no campo mediúnico ligado especialmente à missão do livro espírita, deseja expressar, simbolizado no amplexo ao médium de Pedro Leopoldo e Uberaba, o seu carinho e apreço irrestrito a todos os médiuns, do passado e da atualidade, que deram e dão expressivas provas de dedicação ao trabalho do Senhor, sabendo renunciar e testemunhar, com valor e fé, no dia-a-dia, a excelência da mensagem do Espírito da Verdade, na restauração do Cristianismo do Cristo. (...)”

Nesse mesmo número, é iniciada a publicação de um resumo biográfico do querido médium, para atender ao interesse sempre crescente que sua obra suscitara no Brasil e no Exterior e da qual cerca de três dezenas de livros estavam vertidos em diversas línguas. Começando pelo Esperanto, os dados biográficos foram sucessivamente publicados em REFORMADOR, nos seguintes idiomas: espanhol, inglês, tcheco, alemão, polonês, hebraico, japonês, francês, italiano, árabe e holandês. Cumpre ressaltar que muitas obras do Chico foram transcritas no Sistema Braille e igualmente em discos e fitas cassete.

Novos Frutos de Consolação

Mas, ao contrário do que ocorre no círculo das tarefas exclusivamente terrenas, materiais, o respeitável tempo de serviço do médium não traduz qualquer arrefecimento, tanto em sua disposição para o trabalho quanto na vigorosa potencialidade de suas faculdades mediúnicas, não obstante o notório declínio de suas forças orgânicas. E é assim que os anos 70 presenciam uma belíssima floração de seus dons singulares, da qual resultariam abençoados frutos de consolação para dezenas de famílias atingidas nos seus mais sagrados laços de amor.

Como que revivendo os tempos dramáticos da Primeira Guerra Mundial, quando o Alto permitiu a manifestação dos Espíritos de jovens cuja morte nos campos de batalha enlutava os corações amorosos de pais e mães, inconsoláveis, eis que nesse período, em que a juventude igualmente tem sucumbido em uma guerra diferente, mas não menos cruel, o Chico serve de intermediário para que inúmeras famílias retomem contato com seus entes queridos, arrebatados bruscamente do convívio no lar em face dos superiores desígnios da incorruptível Justiça Divina. Centenas de mensagens, abundantes em elementos insuspeitíssimos de identificação, reerguem os corações abatidos dos que ficaram na Terra, atraindo-os para a orientação segura e amorosa do Espiritismo Evangélico, ensejando igualmente a composição de consoladores volumes, cuja essência celeste estenderia tão sublime conforto a todos os que vergassem sob a dor da separação. Crianças, adolescentes, jovens, chefes e mães de família, parentes queridos, retornam das sombras em que a dor e a dúvida os haviam encerrado, para reafirmarem a imortalidade, instilando nos que permaneciam na carne a certeza de que a abençoada marcha prossegue, sem interrupção, em laços sempre mais estreitos de amor e solidariedade, na vida de além-túmulo.

Ratificação dos Direitos Autorais

Em fins de 1978, o grande médium, mais uma vez demonstrando clarividente lucidez, sólido critério apoiado na prudência e no conhecimento do caráter humano, tudo sustentado pela vigilante proteção dos guias espirituais, toma a iniciativa de assegurar a vastíssima obra, produzida por intermédio de suas faculdades, contra eventuais disputas futuras em prejuízo do patrimônio moral e doutrinário que ela representa. Com as diversas editoras, às quais já havia cedido integralmente os direitos autorais de livros que recebera mediunicamente, o querido médium assina escrituras para a confirmação irrestrita de tais cessões. E, para cumprimento da inspirada decisão, Francisco Cândido Xavier, em 19/10/78, vem ao Rio de Janeiro para, lado a lado da Federação Espírita Brasileira, representada pelo então Presidente Francisco Thiesen, assinar o documento de cessão de direitos autorais de sua produção literária, mediúnica ou não, confiada à FEB, com a ratificação de anteriores cessões de direitos. É então lavrada Escritura no 15o Ofício de Notas do Rio de Janeiro (RJ), Livro no 1306, Fls. 197 (Reformador, janeiro 1979, p. 47 e 53). Para reforço jurídico de tão prudentes iniciativas, o médium assina em 24/11/78, no Cartório do 2o Ofício de Uberaba (MG), Livro no 420, Fls. 117, uma escritura declaratória na qual afirma que

“toda a sua produção literária antes referida pertencerá, de direito, apenas e exclusivamente a quem ele fez cessões específicas e formais dos respectivos direitos autorais, através de instrumentos jurídicos apropriados. V) Que ele, declarante, faz as presentes declarações tendo em vista dirimir quaisquer dúvidas e prevenir situações futuras com relação aos direitos autorais decorrentes de toda a sua produção literária, para tornar claro que nenhuma pessoa, física ou jurídica, deverá ser reconhecida como detentora legal de direitos autorais cedidos pelo declarante, salvo se tal alegação for comprovada por instrumento legal escrito e juridicamente válido”. (...)

Estava assegurada a continuidade pacífica da obra de divulgação, realizada ininterruptamente durante mais de meio século. Mas, tal medida, pela qual “César” tomava parte na obra de Deus, também serviria para poupar o médium de dissabores a que sempre estão sujeitos os que não conduzem sua vida sobre os trilhos do zelo e da prudência. Sobre essa particularidade falaria o próprio médium em entrevista concedida ao jornal “Lavoura e Comércio”, de Uberaba (MG), publicada em seu número de 2/12/78 sob o título “Entrevista – livros e cessões de direitos autorais de Chico Xavier”. Eis a pergunta e respectiva resposta:

P. – *“Notando-se hoje mais ampla divulgação dos livros mediúnicos, sob a sua responsabilidade, releve-nos a indagação talvez indiscreta, mas a Receita Federal está informada que você nada recebe por seu trabalho?”*

R. – *“Toda pergunta é respeitável e se nem todas podem obter, de imediato, a resposta ampla e concreta, em meu caso dos livros mediúnicos, posso apresentar às dignas autoridades da Receita Federal as documentações comprobatórias de que nunca recebi qualquer pagamento das editoras espíritas evangélicas por páginas obtidas por mim, mediunicamente. No presente caso, as escrituras confirmativas das cessões irrestritas dos direitos autorais, por mim assinadas, podem desfazer quaisquer dúvidas.”*

Os livros mediúnicos recebidos por Chico Xavier foram destinados, desde 1932, a diversas Instituições espíritas, não tendo ele nenhuma participação pessoal nessa distribuição, conforme afirmou em março de 1975. Recebeu ele orientação para, com aqueles livros, não só divulgar a Doutrina Espírita, mas também possibilitar a sustentação de obras assistenciais. Chegou a 14 (quatorze) o número de Instituições beneficiadas.

De 1932 a 2002, foram editoradas 412 obras recebidas pela mediunidade de

Chico Xavier. Delas, 88 (oitenta e oito) pertencem exclusivamente à Federação Espírita Brasileira e atualmente perfazem um total de 14.866.700 (quatorze milhões, oitocentos e sessenta e seis mil e setecentos) exemplares dados a público. A esses livros febianos o próprio Chico chamaria “livros-astros”, com isto querendo dizer que eles se revestem de especial importância na sua obra mediúnica.

Por sua vasta produção, o Chico se alinharia entre os autores brasileiros mais vendidos, cerca de 30 milhões de exemplares, posição em que se tem mantido até hoje.

No Teatro e na Televisão

Na segunda metade dos anos 70 e início da década de 80, a obra veiculada pelo Chico ganha atenções das rodas de teatro e televisão, convindo não esquecer que entre 1961 e 1964 foram apresentadas pela TV-Itacolomi, de Belo Horizonte (MG), quatro telenovelas baseadas nos romances mediúnicos “Há Dois Mil Anos”, “Cinquenta Anos Depois”, “Renúncia” e “Ave, Cristo!”. Diretores, autores e produtores de nomeada, dentre os quais Ivani Ribeiro e Augusto César Vanucci, aproveitam, animados pela nobre intenção de estender a mensagem espírita ao povo, o riquíssimo filão existente na literatura psicografada pelo Chico. Obras de André Luiz e de Emmanuel, como “Nosso Lar” e “Renúncia”, são adaptadas para encenação no palco ou sob a forma de novela de rádio e televisão. O maior sucesso de bilheteria vem da peça “Além da Vida”, tecida com o material fornecido por mensagens psicografadas pelo Chico e por Divaldo Franco, peça que, lançada em 1982, continua até hoje em cartaz.

A figura doce e comunicativa do Chico passa então a ser o alvo das mais carinhosas manifestações do meio artístico. Aos 23/5/1980, conforme registrado em Reformador do mesmo ano, ocorreu uma inesquecível noite nos estúdios da Rede Globo de Televisão, Canal 4 (Rio de Janeiro), com o programa “Um homem chamado amor” que enfocou Francisco Cândido Xavier, então presente àquele “especial”. Dirigido pelo conhecido apresentador Hilton Gomes, a “Sexta-Super” apresentou pronunciamentos de festejados artistas de Televisão e Teatro, além de cantoras e cantores famosos, todos amigos incondicionais do médium. Este, por sua vez, respondeu a várias perguntas dos presentes sobre diversos assuntos. Satisfazendo à curiosidade da artista Yara Cortes, que também queria saber quem recebia os direitos autorais das obras do Chico, este declarou, em termos bem claros:

“Todos os direitos autorais foram cedidos a instituições de caridade, a começar pela digna Federação Espírita Brasileira, sediada no Rio de Janeiro, e a outras instituições congêneres espalhadas em todo o País.”

Esse “especial” levou o consagrado jornalista, escritor, político, crítico de música, teatro, cinema e televisão, Artur da Távola – um verdadeiro especialista da comunicação – a tecer brilhante e imparcial análise da personalidade do Chico, publicada no jornal “O GLOBO”, do Rio de Janeiro, edição de 26/5/80, e transcrita em Reformador de junho do mesmo ano, página 36. Desse longo artigo reapresentamos o seguinte e muito significativo trecho:

“Além da aura de paz e pacificação que parte dele, há um outro elemento poderoso a explicar o fascínio e a durabilidade da impressionante figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier: a grande seriedade pessoal do médium, a dedicação integral de sua vida aos que sofrem e o desinteresse material absoluto. A canalização de todo o dinheiro levantado em direitos autorais para as variadíssimas atividades assistenciais espíritas dão a Chico Xavier uma autoridade moral – tanto maior porque não reivindicada por ele – que o coloca entre os grandes líderes religiosos do nosso tempo.”

Candidatura ao Prêmio Nobel

Em 1980, por iniciativa do então deputado federal Freitas Nobre, do diretor de televisão Augusto César Vanucci e do ator Dionísio Azevedo, o Movimento Espírita do Brasil é mobilizado para indicar o saudoso médium como candidato ao Prêmio Nobel da Paz, em 1981. A justificativa assentava sobre os serviços do médium, durante toda a sua existência, aos pobres e sofredores de todos os matizes, bem como sobre a influência de sua vida e obra no erguimento de múltiplas instituições de assistência social.

Tal iniciativa, envolvendo aspectos fundamentais da própria ética espírita, suscitou um movimento de opinião no seio mesmo da organização do Espiritismo no Brasil, cujas entidades representativas nos Estados necessariamente se voltaram para a Casa de Ismael dela obtendo, a título de fraterna orientação, um documento firmado em 14/3/80 pelo então Presidente Francisco Thiesen, transcrito em Reformador de abril de 1980, página 8.

O próprio médium esclarece todas as questões suscitadas por sua indicação, de iniciativa de terceiros, ao famoso Prêmio, por meio de entrevista concedida a Carlos A. Bacelli, publicada no periódico “Lavoura e Comércio”, edição de 6/3/80 e transcrita no número de Reformador supracitado. Dela destacamos o seguinte trecho, por conter preciosa lição de humildade e lucidez:

“8) O Prêmio da Paz é um reconhecimento internacional ao trabalho de uma personalidade que se destacou na luta pela compreensão entre os homens. Você se considera, pelo inegável exemplo a serviço do Evangelho, um benfeitor da Humanidade?”

– “De modo algum. Para falar a verdade, tenho sido sempre alguém com tamanha luta para compreender a mim mesmo, que nunca me passou pela cabeça a idéia de estar trabalhando pela compreensão entre os homens. O Evangelho de Jesus, na Doutrina Espírita, representa uma luz a me mostrar a imensidade do esforço que tenho a fazer para melhorar-me. Se a pergunta me compele a examinar a palavra ‘benfeitor’, devo esclarecer que se existem pessoas que se beneficiaram, com essa ou aquela atividade, de que tenho compartilhado, semelhantes benefícios terão nascido dos Benfeitores Espirituais que nos amparam e que habitualmente se servem de minhas modestas faculdades mediúnicas e não de mim próprio.”

O Prêmio Nobel da Paz de 1981, ao qual também concorrera o chefe da Igreja Católica, Papa João Paulo II, seria enfim conferido ao “Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas”.

Praça Chico Xavier, em Pedro Leopoldo

Ainda em 1980, o Chico receberia carinhosa manifestação de amor do povo de Pedro Leopoldo, cidade que o viu nascer, crescer, preparar-se para as graves responsabilidades de médium espírita e, como tal, ali servir até 1959, quando se transferiria para Uberaba. A uma bela praça pública, construída em local aprazível da pequena cidade, e onde também se inaugurava o novo prédio da Prefeitura Municipal, era dado o nome de “Praça Chico Xavier”, nela tendo sido colocada, em sólido bloco de pedra, uma placa comemorativa com os seguintes dizeres: *Praça Chico Xavier. – Homenagem do povo de Pedro Leopoldo ao seu ilustre e querido irmão. – Hélio Issa – Prefeito Municipal. – Pedro Leopoldo. – 15/11/1980.*

Ao ato de inauguração compareceram autoridades do governo, o povo em geral, desde as pessoas mais conceituadas até os mais humildes moradores da cidade e de seus arredores. Era mais uma prova de que os corações, mesmo os mais refratários,

sempre se rendem ao amor, ali encarnado na figura modesta, humilde e sincera do querido médium, cujo magnetismo nascia, entre outras razões, do fato de que ele nada reivindicava para si, senão o direito de servir ao próximo sob a inspiração e a orientação da Doutrina dos Espíritos e do Evangelho de Jesus.

A Pensão Especial

As esferas oficiais ainda lhe reservariam, no início da década de 90, uma outra homenagem, concedendo-lhe, por proposição do ex-Presidente Fernando Collor, uma pensão especial no valor de 3,4 salários-mínimo. Em seu parecer, unanimemente aprovado em 1994 pelo Tribunal de Contas da União, o ministro-relator do processo, Dr. Adhemar Ghisi, católico praticante e admirador confesso do médium, assim se expressou sobre a legalidade do benefício:

“É competência do TCU apreciar, para fins de registro, a concessão de pensões pelo Governo. Tenho certeza de que o processo vai ser aprovado, e com louvores, porque o Chico Xavier é um grande exemplo para todos nós. Ele passou toda a sua vida se dedicando às pessoas mais necessitadas.”

Outras Tarefas

Os últimos tempos da abençoada existência do amado médium foram marcados pelo acentuado declínio das forças físicas, a que o vinha conduzindo o agravamento de enfermidades por ele suportadas estoicamente durante longos anos de ininterrupta atividade. Nada obstante, ainda encontrava forças para receber os amigos, visitar os necessitados, confortar sofredores, gravar entrevistas, receber mensagens, comparecer às tarefas do Grupo Espírita da Prece, enfim, trabalhar, servir, honrar seu compromisso com o Cristo de Deus. Como diria Clóvis Tavares, Chico dava “a impressão de uma vela que ardia, alumando a todos e se consumindo a si mesma, em sublime oferta de amor e sacrifício”.

Ainda um belo e fecundo exemplo de seu amor à Causa do Divino Mestre é o fato de que, a começar de dezembro de 1982, ele passou a visitar, de tempos em tempos, a Colônia Santa Marta, em Goiânia (GO), destinada ao tratamento dos hansenianos, onde se desenrolaram, graças à sua bondade e às abençoadas faculdades de que era portador, muitos casos comovedores, de grande beleza espiritual.

Na noite de 5 de novembro de 1981, ao ser entregue, em Uberaba (MG), o Título de Cidadania ao médium Divaldo Pereira Franco, ouviu-se a palavra de Chico Xavier que, em certo trecho de sua saudação, declarou:

“Reconheço, reverenciando na personalidade de Divaldo Pereira Franco, não apenas o companheiro a quem devo, particularmente, atenções e gentilezas irresgatáveis para mim. Reconhecemos nele o líder autêntico pela inteligência e pelo coração, credor de nossa admiração incondicional e de nosso profundo reconhecimento.”

Era esta mais uma demonstração do Chico, de carinho e humildade, de respeito e consideração, pelos veros trabalhadores na Seara Espírita.

Sua falta será intensamente sentida, não somente entre os espíritas, mas igualmente por todos os corações sinceros e de boa vontade que o tinham como símbolo da pureza de coração, do devotamento ao próximo, da humildade natural e espontânea, da saudável alegria, virtudes com as quais soube manter-se à altura da missão que lhe foi confiada pela Espiritualidade Superior. Não é por menos que o brilhante cronista Artur da Távola, a quem já nos reportamos colunas atrás, ressaltava no

diário carioca “O DIA”, de 20/9/1989:

“Francisco Cândido Xavier é uma instituição nacional. Apreciam-no adeptos de todas as religiões. Respeitam-no todos os brasileiros. Vida inteira dedicada a repartir o bem, o consolo, as tentativas de ajuda, de cura, de elevação do padrão espiritual do ser humano.”

Fazemos nossas as palavras de Divaldo Pereira Franco, quando, em 1987 (Reformador de março de 1988), dava seu testemunho de amor e de respeito pelo valioso médium: *“Ele é como um farol em noite escura derramando claridades e apontando o rumo para a embarcação da minha vida encontrar o porto de segurança.”*

Em sessão de 4 de outubro de 1995, o Conselho Federativo Nacional aprovava significativa e bela moção de reconhecimento e gratidão a Chico Xavier, estampada em Reformador de dezembro de 95. E por ocasião dos 70 anos de exercício de sua mediunidade, o então Presidente da Federação Espírita Brasileira, Juvanir Borges de Souza, participava das comemorações levadas a efeito na União Espírita Mineira, tendo pronunciado como orador oficial da noite de 8 de julho de 1997, ante um auditório superlotado, apreciada conferência sobre a vida e a obra do médium, destacando a importância da memorável data.

Comenda da Paz

Pela Lei Estadual no 13.394, de 7/12/1999 (D. O. Minas Gerais, 8/12/99), foi instituída a “Comenda da Paz Chico Xavier”, no Estado de Minas Gerais, destinada a homenagear pessoas físicas e jurídicas que se tenham destacado na promoção da paz, por meio de atividades relacionadas em vários itens, entre eles a contribuição ao desenvolvimento espiritual da Humanidade.

Segundo o projeto que deu origem à Lei, a escolha do nome de Chico Xavier para a Comenda “deu-se porque ele se transformou numa referência universal de pessoas dotadas da boa vontade de construir um mundo melhor”.

A primeira solenidade de outorga da condecoração, com a qual Chico Xavier foi um dos agraciados, ocorreu em 3 de março de 2001.

O “Mineiro do Século”

O médium Francisco Cândido Xavier foi eleito o “Mineiro do Século”, numa promoção da Rede Globo/Minas, que atraiu, em 15 dias, mais de 2,5 milhões de votantes, através do telefone e da Internet. Com resultado conhecido em 17/11/2000, Chico Xavier recebeu 704.030 votos em todo o Estado, ficando em segundo lugar o inventor do avião, Santos Dumont, com 701.598 votos, e, em terceiro, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, com 260.336 votos.

A Sucessão de Chico Xavier

Registamos, como luminosa lição de humildade e desprendimento para todos quantos nos dedicamos aos serviços da Doutrina Espírita, a seguinte declaração do médium, contida em entrevista que concedeu ao jornal “Estado de Minas”, de Belo Horizonte (MG), edição de 12/7/80:

“P. – Como ficará a Doutrina Espírita após a sua morte? O senhor acha que ela

ficará abalada? Quem poderá substituí-lo na liderança?

R. – A Doutrina Espírita estará tão bem depois da minha desencarnação quanto estava antes, porque eu não sou pessoa com qualidades especiais para servi-la. Eu sou um médium tão comum, tão falível como qualquer outro. Não me sinto uma pessoa necessária e muito menos indispensável. Outros médiuns estarão aí interpretando o pensamento e a mensagem dos nossos amigos espirituais, (...).”

Arremate

À guisa de arremate a esta singela homenagem ao querido irmão, não podemos deixar de lembrar a veneranda figura daquele que o preparou, que o conduziu, que o guiou desde o início de seu mediumato, quiçá já antes que ele reencarnasse, adestrando-lhe o Espírito para o desempenho de tão árdua missão. Referimo-nos ao amoroso Benfeitor Espiritual, ao dedicado Educador que conhecemos pelo nome de Emmanuel. Podemos mesmo afirmar que sem Emmanuel não teríamos o Chico.

A tão elevado Espírito prestamos nossa singela reverência, suplicando-lhe continue entre nós, a nos ajudar com a paciência e o desvelo que tão fortemente influíram na consolidação da mentalidade cristã do Movimento Espírita no Brasil.

Chico Xavier agora estará recebendo os merecidos frutos de seu abnegado serviço à Humanidade. E a nós, os que nos temos beneficiado com os luminosos resultados de sua sementeira, cabe o honroso dever de conduzir-nos à altura dela, inspirando-nos tanto no conteúdo da obra que por ele se concretizou na Terra, como em sua vida digna de um verdadeiro cristão, de um verdadeiro espírita.

A Casa de Ismael, associando-se aos espíritistas de todo o Brasil e do mundo, expressa ao querido companheiro Chico Xavier imorredoura gratidão pela vida inteiramente doada à Causa do Espiritismo Cristão.

Deus o ampare e ilumine nas novas estradas a percorrer!

OBRAS CONSULTADAS:

WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. Allan Kardec (Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação). Vol. III, 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

TAVARES, Clóvis. Amor e Sabedoria de Emmanuel. IDE, 7. ed.

Chico Xavier: Mandato de Amor. União Espírita Mineira, 1. ed. Belo Horizonte, 1993.

RAMOS, Clóvis. 50 Anos de Parnaso. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

XAVIER, Francisco Cândido. Crônicas de Além-Túmulo. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

_____. Encontros no Tempo. Espíritos Diversos/Hércio Marcos C. Arantes. IDE, 2. ed.

_____. Emmanuel. Entender Conversando. IDE, 7. ed.

_____. Emmanuel. Entrevistas. IDE. 2. ed.

BARBOSA, Elias. No Mundo de Chico Xavier. IDE, 7. ed.

XAVIER, Francisco Cândido. Novas Mensagens. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

TIMPONI, Miguel. A Psicografia ante os Tribunais. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

PEREIRA, Yvonne A. Recordações da Mediunidade. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

SCHUBERT, Suely Caldas. Testemunhos de Chico Xavier. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

TAVARES, Clóvis. Trinta Anos com Chico Xavier. IDE. 5. ed.

MAIOR, Marcel Souto. As Vidas de Chico Xavier. 1. ed. Editora ROCCO Ltda., 1994.

Coleções de Reformador, órgão da Federação Espírita Brasileira, vários anos.

Em Espírito

“Mas, se pelo espírito mortificardes as obras da carne, vivereis.”

– Paulo. (Romanos, 8:13.)

Quem vive, segundo as leis sublimes do espírito, respira em esfera diferente do próprio campo material em que ainda pousa os pés.

Avançada compreensão assinala-lhe a posição íntima.

Vale-se do dia qual aprendiz aplicado que estima na permanência sobre a Terra valioso tempo de aprendizado que não deve menosprezar .

Encontra, no trabalho, a dádiva abençoada de elevação e aprimoramento.

Na ignorância alheia, descobre preciosas possibilidades de serviço.

Nas dificuldades e aflições da estrada, recolhe recursos à própria iluminação e engrandecimento.

Vê passar obstáculos, como vê correr nuvens.

Ama a responsabilidade, mas não se prende à posse.

Dirige com devotamento, contudo, foge ao domínio.

Ampara sem inclinações doentias.

Serve sem escravizar-se.

Permanece atento para com as obrigações da sementeira, todavia, não se inquieta pela colheita, porque sabe que o campo e a planta, o sol e a chuva, a água e o vento pertencem ao Eterno Doador.

Usufrutuário dos bens divinos, onde quer que se encontre, carrega consigo mesmo, na consciência e no coração, os próprios tesouros.

Bem-aventurado o homem que segue vida a fora em espírito! Para ele, a morte aflitiva não é mais que alvorada de novo dia, sublime transformação e alegre despertar!

EMMANUEL

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Pão Nosso, 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 82, p. 175-176.